



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA  
FACULDADE DE FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO CAMPO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO-ÊNFASE EM CIÊNCIAS  
NATURAIS**

**ÉRIKA NATÁLIA FERREIRA DA SILVA**

**ARTE E DEVOÇÃO: IMAGENS DO FESTEJO DE BOM JESUS DA CANA VERDE  
NO RIO MARACAPUCU-MIRI.**

**Abaetetuba-Pará  
2018**

**ÉRIKA NATÁLIA FERREIRA DA SILVA**

**ARTE E DEVOÇÃO: IMAGENS DO FESTEJO DE BOM JESUS DA CANA VERDE  
NO RIO MARACAPUCU-MIRI.**

Trabalho de Conclusão do Curso de Educação do Campo ênfase em ciências naturais intervalar 2014, da Faculdade de Formação e Desenvolvimento do Campo da Universidade Federal do Pará – Campus Abaetetuba, apresentado como requisito para a conclusão do Curso Licenciatura em Educação do Campo ênfase em ciências naturais.

Orientador(a): Prof. Dr. Jones da Silva Gomes

**Abaetetuba-Pará**

**2018**

**ÉRIKA NATÁLIA FERREIRA DA SILVA**

**ARTE E DEVOÇÃO: IMAGENS DO FESTEJO DE BOM JESUS DA CANA VERDE  
NO RIO MARACAPUCU-MIRI.**

Trabalho de Conclusão do Curso de Educação do Campo ênfase em ciências naturais intervalar 2014, da Faculdade de Formação e Desenvolvimento do Campo da Universidade Federal do Pará – Campus Abaetetuba, apresentado como requisito para a conclusão do Curso Licenciatura em Educação do Campo ênfase em ciências naturais.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

## **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Jones da Silva Gomes  
(UFPA Campus Abaetetuba) – Orientador

---

Prof. Dra. Deusa Maria de Sousa  
(UFPA Campus de Abaetetuba) – Avaliador

---

Prof. Msc. Lucielma Lobato Silva  
(UFPA Campus de Abaetetuba) – Avaliador

## **DEDICATÓRIA**

Hoje escrevendo esse trabalho, percebo quantas pessoas foram importantes nessa minha caminhada, agradeço primeiramente a Deus e ao meu santo de devoção Bom Jesus da CanaVerde, a quem sempre recorri nos meus momentos difíceis, depois dedico esse trabalho a minha família, em especial a mulher que nunca me deixou desistir dos meus objetivos e a ela devo toda a minha gratidão, como sempre digo ela não é somente minha mãe mas sim minha “pãe” Emília de Jesus, pois sempre foi pai e mãe para mim. Aos meus avós materno Maria José e Emilio Paes os quais tive que “abandonar” no sitio para vir morar na cidade e poder concluir meus estudos. A minha tia que sempre fez o papel de mãe Jucelina Ferreira e ao meu tio que fez papel de pai Manoel de Jesus, que sempre me apoiaram nessa caminhada. Aos meus irmãos, primos (as), tios (as) agradeço pelo apoio e incentivo, devo a todos a minha eterna gratidão.

## **AGRADECIMENTOS**

Para a conclusão desse trabalho não seria possível sem a ajuda, apoio, compreensão e a participação de algumas pessoas nesse meu objetivo de investigar o festejo da comunidade de Bom Jesus da Cana-Verde. É difícil enumerar a importância de cada pessoa nessa minha caminhada, mas sou ciente da importância de cada pessoa em minha vida.

Não poderia deixar de agradecer ao meu Professor e orientador Dr. Jones da Silva Gomes, pela parceria, compreensão, apoio, pelas palavras de incentivo e por ter me ajudado a realizar um dos meus sonhos, que era relatar em texto científico sobre a festa de minha comunidade.

Para a realização desse trabalho, contei com a ajuda de várias pessoas, mas para chegar até aqui passei por quatro anos de caminhada, nesse caminho contei com o apoio e parceria dos meus amigos do curso de licenciatura em Educação do Campo ênfase em ciências naturais-intervalar 2014, os quais eu construir um laço de amizade que levarei para vida, cada um com o seu jeito, mas foi o encaixe perfeito para aguentar todas as dificuldades juntos e unidos.

Mas em especial queria agradecer a minha equipe de trabalhos “É NÓS” em especial a chefa Nezilú Gonçalves e aos meus amigos Edésio, Fernanda, Keila e Max, apesar das nossas diferenças foram quatro anos de parceria, apoio, dedicação, desafios, dificuldades, mas apesar de tudo construímos uma grande amizade.

Agradeço aos moradores de minha comunidade de Bom Jesus da Cana-Verde por me ajudarem com depoimentos, fotos e apoio nesse trabalho.

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar a forma como acontece o festejo dedicado ao Bom Jesus da Cana-Verde no rio Maracapucu-Miri, pois sabemos que o Brasil é um país mestiço, que possui vários povos, várias culturas e várias comunidades, onde cada um tem um jeito de demonstrar sua devoção, podemos perceber isso observando as comunidades de nossas regiões, tanto na zona urbana quanto no meio rural. Mas, independente de como isso acontece, aquele é um momento de festa para aquela população e no festejo de Bom Jesus da Cana-Verde não é diferente, acontece uma arte devocional sincrética, uma mistura de cultura, rica em estética, devoção e ritos, muitas dessas culturas já sofreram mudanças ou até mesmo deixaram de existir. Em nossa região atualmente é muito presente as festas dançantes, festas de aparelhagens, mas já paramos pra pensar em, Como surgiu às comunidades? Como era as festas há alguns anos atrás? Que ritmo tocava? O trabalho contará com pesquisas bibliográficas, pesquisa qualitativa com aplicação de entrevista semiestruturada, depoimentos de fieis da comunidade e fotografias, assim nos aprofundaremos no assunto para analisar e perceber as grandes diferenças que encontramos em uma cultura de um ano para o outro, umas ficam cada vez mas forte e outras deixam até mesmo de existir. Portanto, finalizo o presente trabalho, mas acredito que ainda restam inúmeros depoimentos e abordagens sobre a origem e o festejo de Bom Jesus da Cana-Verde que não foram relatados.

**Palavras-Chave:** Arte; Bom Jesus da Cana Verde; Catolicismo Popular; Devoção.

## **ABSTRACT**

This work aims to investigate how the celebration dedicated to the Good Jesus of the Cana-Verde River Maracapucu-Miri, because we know that Brazil is a mestizo country, which has several peoples, several cultures and several communities, where each one has a way of demonstrating their devotion, we can see this by observing the communities of our regions, both in the urban and rural areas. But regardless of how this happens, that is a moment of celebration for that population and in the celebration of Good Jesus of Cana-Verde is no different, there is a syncretic devotional art, a mixture of culture, rich in aesthetics, devotion and rites, many of these cultures have already undergone changes or even ceased to exist. In our region today is very present the dancing parties, parties of apparatuses, but already stop to think in, How did the communities come? How were the parties a few years ago? What rhythm did he play? The work will include bibliographical research, qualitative research with application of semi-structured interview, testimonies of community faithful and photographs, so we will delve into the subject to analyze and perceive the great differences that we find in a culture from one year to the next, stronger and others even cease to exist. Therefore, I finish the present work, but I believe that there are still countless testimonies and approaches on the origin and celebration of Good Jesus of the Green Cane that were not reported.

**KEYWORDS:** Art; Good Jesus of the Green Cane; Popular Catholicism; Devotion.

## SUMÁRIO

<b>1-INTRODUÇÃO</b> .....	<b>01</b>
<b>2-CAPITULO I: A DEVOÇÃO AOS SANTOS DO CATOLICISMO POPULAR NAS COMUNIDADES RIBEIRINHAS DA AMAZÔNIA.</b> .....	<b>0</b> Erro! Indicador não definido.
2.1 Início das festas religiosas, procissões e ritos no Brasil .....	07
<b>3- CAPITULO II: PARA UMA HISTÓRIA DO FESTEJO DO BOM JESUS DA CANA VERDE.</b> .....	<b>0</b> Erro! Indicador não definido.
3.1 Histórico do santo e início do festejo .....	09
3.2 Esmolação do Santo .....	10
3.3 Momentos da festa na casa do Pachola .....	11
3.4 Início da Comunidade .....	13
3.5 A importância dos Mutirões .....	14
<b>4- CAPITULO III: IMAGENS DA FÉ: ELEMENTOS ESTÉTICOS E ÉTICOS DE UMA DEVOÇÃO.</b> .....	<b>Erro!</b> Indicador não definido.
4.1 Início das Novenas .....	15
4.2 Preparativos para o Festejo .....	16
4.3 Círio 2017 e suas Mudanças .....	18
4.4 Chegada do Círio na comunidade .....	19
4.4.1 Momentos do Círio Grande .....	21
4.5 Peregrinação do santo para o Círio Mirim .....	23
4.6 Círio Mirim .....	24
4.6.1 Premiação das Canoas .....	29
4.6.2 Leilão do Bolo do Santo .....	30
4.7 Noite da Festa .....	31
4.7.1 A estética do Festejo .....	32
4.8 Críticas ao santo .....	33
4.9 Depoimentos de fiéis, sobre fatos históricos e milagres do santo.....	36
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>39</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>41</b>

## **INTRODUÇÃO**

Esse trabalho tem como objetivo investigar a festa de santos populares na Amazônia tocantina, em especial da comunidade de Bom Jesus da Cana-Verde situada no Rio Maracapucu-Miri, que é realizado por moradores e ex-moradores da comunidade, devotos do santo. O festejo já acontece há mais de 100 anos, porém ao longo do tempo já sofreu grandes mudanças, mas os fiéis nunca deixaram morrer a devoção ao santo.

O festejo ao Bom Jesus, segundo relatos aconteciam numa mistura de sagrado e profano, pois depois do ato religioso ocorriam as festas dançantes, mas independente de como isso acontecia, aquele era um momento onde se faziam agradecimentos a Deus, por meios dos atos religiosos e depois iriam comemorar as graças alcançadas, quando começavam o momento profano.

Nosso trabalho, visa mostrar como algumas práticas religiosas, atreladas ao festejo de Bom Jesus deixaram de existir, mas estão na memória dos moradores que são devotos do santo, outras que ainda persistem, mas sofreram mudanças ao longo do desenvolvimento histórico-cultural, e outras que surgiram mais recentemente, com uma nova roupagem, mas não perdendo a identidade daquele povo.

A festa do santo também está entrelaçada na educação das pessoas, pois muitos conhecimentos adquiridos durante o festejo não são repassados nas escolas, mas independente delas não terem acesso a esse conhecimento no espaço escolar, eles são adquiridos nos mutirões, no grupo de catequese, jovens, momentos este vivido na comunidade na forma de uma educação não formal, mas que forma sujeitos capazes de manter esse festejo durante anos, são conhecimentos passados de gerações para gerações, por meio do trabalho coletivo em homenagem ao seu santo de devoção. Através desse conhecimento não formal, elas aprendem a conviver juntas e a desenvolver certas habilidades e certas sensibilidades de valorizar a sua identidade, o território onde vive e o seu imaginário, essa relação está muito ligada ao formato da educação do campo que propõe dialogar com os conhecimentos das comunidades, principalmente conhecimentos tradicionais que são passados de gerações para gerações.

Com a chegada da tecnologia na sociedade algumas culturas deixaram de existir, algumas ainda resisti perante as inovações tecnológicas, como por exemplo, as festas dos santos domésticos que deixaram de existir, os oratórios eram muitos presentes no passado, cada um com suas características naturais, com sua estética diferenciada, era o lugar de aconchego da casa, onde as pessoas da família ou vizinhos faziam os atos religiosos para

realizar os momentos de agradecimento ou pedir alguma graça para seus santos de devoção, mas veio perdendo espaço.

Em algumas localidades deixou de existir, em poucas comunidades ainda resisti os cultos domésticos que geralmente são passados de geração em geração. O que ainda é visto com frequência são os festejos dos santos de comunidades, cada um com sua data, estilo e características diferentes, mas todos tem o mesmo objetivo: festejar o santo (a) e agradecer pela graça alcançada, pagando ou fazendo outras promessas, muitos desses festejos nasceram de oratórios domésticos, como afirma Santos (2014, p.27) no seu trabalho em Santo de casa faz milagre: desenho e representação dos oratórios populares domésticos em feira de Santana.

O oratório como um objeto tridimensional, móvel, feito em madeira ou outro material, com formato semelhante ao de uma capela; espécie de nicho ou caixa. Utilizado geralmente para a evocação do divino através de orações, velas e essências, costuma abrigar em seu interior imagens de santos, objetos relacionados a devoções, objetos particulares, “lembrancinhas”, fotografias, etc.

Assim, como o festejo de Bom Jesus da Cana-Verde que teve início com o oratório na casa do Pachola<sup>1</sup> e mais tarde passou a ser comunidade, hoje conhecida como as CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) que segundo o Documento da CNBB. Comunidades de comunidades: uma nova paróquia. (2014) “São instrumento que permite ao povo “chegar a um conhecimento maior da palavra de Deus, ao compromisso social em nome do Evangelho, ao surgimento de novos serviços leigos e a educação da fé dos adultos”.<sup>2</sup>

Mas para muitos moradores que participam por muito tempo na comunidade, não sabem como se iniciou esse festejo, nunca se perguntaram, e como nosso trabalho é voltado para uma investigação do festejo do Bom Jesus Da Cana Verde, iremos indagar algumas questões para assim fazemos um registro histórico- cultural, já que não se trata somente de atividade festivas, mas simbólicas, estéticas e religiosas.

Por isso, foram necessários alguns questionamentos iniciais: como era o festejo? Que ritmo tocava? Como eram as danças? Quais eram os atos religiosos? O imaginário do Santo? E nessa pesquisa iremos aprofundar nossos conhecimentos especificamente do festejo de Bom Jesus, alguns fatos históricos, ritos, milagres, que aconteceram e acontecem até hoje na comunidade, para assim podemos analisar as mudanças e permanências em relação à festividade.

---

<sup>1</sup> Pachola foi o herdeiro do santo e sempre morou na comunidade, após receber o santo como herança deu continuidade no festejo até a sua morte.

<sup>2</sup> Documento da CNBB. Comunidades de comunidades: uma nova paróquia. Ed. Paulinas. Aparecida-SP, Abril, 2014.

Como base para a nossa pesquisa, foram articulados três capítulos que compõem o presente estudo.

No primeiro capítulo farei um levantamento histórico do catolicismo popular no Brasil e sua chegada à Amazônia, a devoção aos santos nas comunidades ribeirinhas principalmente da Amazônia, as festas, a devoção aos santos, os festejos de santos, as mudanças e permanências de ritos religiosos no mundo rural.

O segundo capítulo trabalharei com os aspectos históricos, relacionando a questão do imaginário do santo. A partir do testemunho da fonte A<sup>3</sup>, trataremos das narrativas sobre a origem do santo. Por outro lado, contarei com narrativas de outros devotos do santo que moram na comunidade desde o início dos festejos, para assim entender melhor o desenvolvimento da comunidade, até os dias atuais.

No terceiro capítulo analisaremos as imagens da fé, elementos estéticos e éticos de uma devoção, dando ênfase para o festejo do Bom Jesus da Cana-Verde no ano de 2017 com algumas mudanças e permanências, destacando o círio mirim das crianças como uma arte devocional sincrética, de modo geral. Dando destaque também para a parte estética do festejo, no uso das cores em certas decorações, os donativos doados por devotos como pagamento de promessas e testemunhos de milagres alcançados graças ao Bom Jesus e fatos históricos decorrentes ao santo.

Assim, como metodologia foi realizada uma pesquisa qualitativa com aplicação de entrevista semi-estruturada que tem por objetivo produzir roteiro para construir assim informações básicas, para aprofundamento de algumas categorias, se utilizando de vertente teórica fenomenológica no ato de descobrir os significados dos comportamentos das pessoas de determinados meios culturais.

Foi aplicada entrevista com história oral com alguns devotos e zeladores do santo, esta tem uma metodologia que permite a constituição de fontes históricas e documentais por meio do registro de testemunhos, de imagens, narrativas que resultem em trabalhos mais aprofundados, trabalhar com fontes orais, então, não é gravar uma série de testemunhos e relatos e depois citá-los, delas se permite obter o máximo de informação o mais confiável possível, quando o indivíduo é chamado a narrar, busca as suas lembranças sobre o tema suscitado, mas também tudo aquilo que a ele está ligado, expondo conexões que nem sempre são percebidas através de uma leitura comum, linguagem e memória são parceiras inseparáveis, é um contato entre o presente e o passado.

---

<sup>3</sup> Fonte A: tem 72 anos, aposentado, morador da comunidade de Bom Jesus Da Cana-Verde e é filho do Sr. Roberto Ribeiro Viégas que foi o terceiro herdeiro do Bom Jesus.

Para dar mais ênfase em meu trabalho me auxiliei de pesquisas bibliográficas, abordei alguns autores que ressaltam alguns temas em suas publicações, tal como: a obra de TAVARES (2013) *A religião vivida: expressões populares de religiosidade. Catolicismo no Brasil* tendo como foco principal sua vivência, as expressões religiosas populares e na mesma direção usarei SOUZA (2013) *Festas, Procissões, Romarias, Milagres: Aspectos do catolicismo popular*. Aspectos específicos do catolicismo popular, a definição do conceito, seus costumes e práticas são de caráter tradicional, sendo transmitidos de uma geração para outra e com eventuais alterações, e MESQUITA (2015) em *A veneração aos santos no catolicismo popular brasileiro: uma aproximação histórico-teológica*, onde o artigo analisou a importância dos santos no catolicismo popular brasileiro, como chegou até o Brasil, mostrando o significado da veneração aos santos e qual sua contribuição para a religiosidade cristã, atualmente.

Abordei também outros trabalhos que relatam as festas religiosas na Amazônia como Galvão (1955) em *Santos e Visagens: Um estudo da vida religiosa de Itá; Amazonas*. A obra relata a vida religiosa cotidiana do caboclo Amazonas, suas crenças, ritos, manifestações culturais e seus hábitos religiosos, outros trabalhos também foram fundamentais para a minha pesquisa como FIGUEIREDO (2011) em *Festas de santo e cultura: encontro da Europa ibérica com a América na Amazônia*. Onde o mesmo faz um estudo das festas na Região Amazônica caracterizando principalmente as devoções religiosas que se transformaram em grandes festas católicas, compostas por elementos da igreja católica com. Assim como LUÍNDIA (2001) em *Festas, Festas de santo: rituais amazônicos*, que realizou um estudo das festas e festas de santos na Amazônia sob vários momentos: ritual, sagrado, relacional e comunitário e instrumento de reprodução de padrões vigentes, no sentido de manter significações no cotidiano e na vida social presente.

Portanto, através desses três capítulos, procuro mostrar um contexto histórico do catolicismo popular no Brasil, mas sempre voltado para a região Amazônica, dando assim destaque para o festejo do Bom Jesus da Cana verde, analisando as mudanças e permanências nesse processo histórico da comunidade, como os ritos e as festas em modo geral. Assim, o festejo de Bom Jesus da Cana-Verde ao longo desses mais de 100 anos de história, passou por inúmeros processos que constituíram a comunidade até os dias atuais, sempre reunindo devotos de todos os lugares, que vem para o festejo no intuito de agradecer ou “pagar” graças recebidas.

Destacando ainda a estética do festejo, que todo ano é trabalhado de uma forma diferente, mas sem perder a identidade daquela região, a cada ano o festejo traz algo novo

principalmente no cário mirim e isso diferencia a comunidade de outras nas ilhas de Abaetetuba. Mas o principal objetivo da comunidade não é competir, para saber qual o melhor festejo, mas sim tentar manter algumas tradições, mas nunca deixar que a festa perdesse o seu principal intuito, que é promover e renovar a fé de seus fiéis.

## **CAPITULO I: A DEVOÇÃO AOS SANTOS DO CATOLICISMO POPULAR NAS COMUNIDADES RIBEIRINHAS DA AMAZÔNIA.**

As festas religiosas surgiram no catolicismo popular, que chegou ao Brasil junto com a elite portuguesa, mas no primeiro momento as festas religiosas não eram vista com o intuito de promover a fé, mas sim de defender grandes interesses políticos. Assim, ocorria uma troca de favores entre o Estado e a Igreja, na verdade eram nas festas religiosas que os políticos aproveitavam a presença do povo para promover sua popularidade, participavam das festas religiosas, não por serem religiosos, mas para ganhar a sua popularidade com o povo e em troca ajudaria algumas igrejas, esse jogo de usar a Igreja para conseguir algo pessoal, era muito frequente no período colonial, onde estava entrelaçados a Igreja e o poder político. Assim, as festas católicas tinham além do sentido sagrado, o sentido social e político, como afirma Tavares (2013, p.02).

O catolicismo está presente no Brasil desde a chegada dos primeiros portugueses, apresentando inicialmente duas formas distintas. A primeira é o catolicismo da elite portuguesa, detentora do poder monetário e político na colônia. Conhecido como catolicismo patriarcal, ele é marcado pela ligação de bispos e padres com a coroa portuguesa, em outras palavras, pela relação de troca entre a Igreja e o Estado – regime de padroado. Desta forma, a Igreja Católica tem o apoio do Estado, que vai sustentar economicamente o clero, as ordens religiosas e os conventos.

Mas a partir da chegada dos portugueses mais pobre no Brasil, surgiu o catolicismo popular, que segundo Souza (2013, p.02)

A segunda forma de catolicismo, conhecida por catolicismo popular tradicional, chega ao país através dos portugueses pobres e se estabelece principalmente nas zonas rurais. Vai ficar marcado pela sua porosidade, devido a relação entre os colonos pobres, os índios destribalizados, os ex-escravos e todos os tipos de mestiços. Com o tempo, essa forma de catolicismo se torna a mais comum no Brasil.

Segundo Souza (2013, p.05) “Os praticantes do catolicismo popular são o conjunto de fiéis que exercem seus cultos à margem da Igreja ou com uma margem de autonomia maior ou menor em relação à instituição”. Onde tiveram contato com os povos de ex-escravos, índios e colonos pobres, esse segundo contato foi a verdadeira forma de catolicismo popular tradicional no Brasil, as festas cristã servia também como pertencimento ao seu lugar de posse

como ressalta Souza (2013, p.20,). “As festas católicas atuavam, ainda, como um instrumento de pertencimento e posse em relação aos novos territórios a serem ocupados”. No mundo rural foi onde ocorreu o verdadeiro catolicismo, onde ocorria a verdadeira devoção aos santos de cada povos, o catolicismo se estabeleceu na zona rural, mas ao longo do tempo teve mudanças imposta pela igreja católica e pela sociedade brasileira e ainda vem sofrendo transformações conforme os anos, o que Souza (2013,p.06) ressalta em Festas, Procissões, Romarias, Milagres, “O catolicismo popular é uma expressão cultural, além de religiosa, e muda de forma e de posição a partir das transformações ocorridas no contexto cultural mais amplo do qual faz parte”.

Mesmos com as mudanças e transformações ocorridas na sociedade, o catolicismo não deixou de existir, mas foi se adaptando as mudanças e se adequando a sociedade como Souza (2013, p.06) afirma: “Por outro lado, algumas de suas manifestações mais arcaicas sofrem radicalmente o impacto da modernidade, e chega mesmo a desaparecer sob este impacto, o que não impede que pontes e mecanismos de adaptação sejam criados”. Os santos passaram a ser o principal elemento do catolicismo popular, onde existia realmente uma relação de fé entre os devotos e seus santos, apesar de ser apenas uma imagem, os fieis acreditavam que as imagens, tinham poderes sobrenaturais e os devotos se sentiam mais perto de Deus, para alcançar suas promessas, tal como ressalta Galvão (1955, p.49): “Os santos, podem ser considerados como divindades que protegem os indivíduos e a comunidade contra os males e infortúnios. A relação entre os indivíduos e o santo baseia-se num contrato mútuo, a promessa”.

As festas religiosas foram e ainda são marcadas por grandes momentos marcantes na vida dos fieis, são ritos que foram construídos ao longo do tempo e foram se espalhando pelas regiões, e na Amazônia não foi diferente, pois “A “festa de santo” é uma das festividades religiosas celebrada na maioria das comunidades indígenas da Amazônia brasileira, constitui um espaço simbólico que ajuda a manter as relações de identidade do lugar.”(SILVA e SILVA, s/a, p. 01). O catolicismo popular se estabeleceu e os santos passaram a ter papel principal nas festas religiosas, pois antes se acreditava muito em deuses, as festas religiosas eram consideradas momentos de renovação em suas vidas, a festa era muito comparada com o carnaval, pois com a chegada do carnaval se renova outro ano, assim, com a chegada da festa se celebra a renovação de uma nova vida aos fieis.

Um desses momentos que marcaram e ainda persistem são as procissões, uma pratica religiosa onde alguns fieis demonstravam sua fé ao seu santo de devoção. As procissões tinha seus significados e sentidos diferentes, alguns fieis participavam por ser festiva ou para pagar

suas promessas, mas além do ato religioso as procissões tinha também seu lado político e social, acontecia muita crítica social, combatia a fome, a guerra civil, eram também demonstrações de poder das elites, lutas políticas e protesto políticos. Esses atos políticos e sociais aconteceram até na segunda metade do século XIX, onde as procissões passaram a ser somente com atos religiosos, mas as festas religiosas ainda despertavam muitas críticas, surgiram muitas festas e feriados criados pelos bispos, algumas dessas festas eram consideradas atos profanos, como o natal, a quadrilha, a dança, teatro, músicas, entre outras datas festivas, assim, a partir do século XIX com o Concílio de Trento, foram impostas algumas normas nas festas cristãs, principalmente nas procissões, como relata Tavares (2013, p.12-13):

A hierarquia que rege o processo de normatização das festas pode ser expressa das mais diversas formas, mas, no caso das festas cristãs realizadas no Brasil, principalmente até o século XIX, coube às irmandades um papel fundamental no sentido de normatizá-las. Foi a partir do Concílio de Trento que os leigos ganharam maior espaço no contexto da atuação das irmandades, e utilizaram este espaço para, de forma relativamente autônoma, organizar rituais dos quais a procissão\_ expressão de fé católica, mas também expressão de poder das irmandades e expressão da hierarquia social da qual estas irmandades faziam parte\_ foi, em dúvida, a mais importante.

No Brasil as procissões tinham características diferentes e isso dependia das necessidades de cada região, no nordeste, por exemplo, as procissões ocorriam muito em decorrência das estiagens, pedir proteção as suas terras, pedir chuvas, evitar a seca, pragas, doença e foi assim que as procissões ainda persistiram no cristianismo. Ainda no período colonial, as procissões não eram realizadas no intuito de promover a fé ou a devoção do povo, a imagem que estava sendo venerada não tinha tanto importância, mas sim as posições de destaque que estava sendo ocupado por pessoas que tinha o poder. Mesmo depois de tantas mudanças, o estado ainda tinha maior autoridade sobre a Igreja, assim, era o mesmo que decidia a data e quais as procissões que poderia acontecer, a igreja apenas obedecia a suas ordens “A definição de quais seriam as principais procissões a serem realizadas, e quando seriam realizadas, era eminentemente política, cabendo tal decisão ao Estado, e não à Igreja” (SOUZA, 2013, p55).

Entre as tantas procissões católicas e luxuosas ocorridas no Brasil no período colonial, nenhuma foi tão importante quanto a procissão de Corpus Christi, mantendo-se como a mais importante e a mais carregada de simbologia, misturaram-se ainda de forma peculiarmente intensa, aspectos religiosos e profanos. As procissões cristãs tinham seus rituais religiosos, mas como características do lado profano tinham, as festas, as musicais, desde a Idade Média segundo Souza (2013, p.73). “O caráter alegórico destas procissões, contudo, ia muito além

de seu sentido religioso, expressando tanto o sentido político do desfile quanto a incorporação de elementos profanos que desde sempre lhe foi comum”. As procissões tinham como características dos atos profanos, o uso de trajés, os carros alegóricos, músicas, festas, incorporada a diferentes formas de manifestações sociais, expressas em forma de desfiles, assim se deu mais tarde, o surgimento do carnaval, pois “De fato, as linhas de continuidade entre as antigas procissões e os desfiles carnavalescos contemporâneos são múltiplas e evidentes” (SOUZA, 2013,p 71).

Diferente dos atos profanos ocorrido nas procissões e da disputa das elites em disputar os lugares de destaque, nas procissões tinham os fiéis que valorizavam os atos religiosos e depois de muito tempo surgiu às peregrinações e romarias, onde os fieis participavam em busca da renovação da fé, de se purificar dos atos profanos, segundo Figueiredo (2011, p.01) em sua obra *Festas de Santo e Cultura: encontro da Europa Ibérica com a América na Amazônia* “Até os anos de 60 do século XIX, as procissões eram acontecimentos comuns, que tendiam a se transformar em grandes encontros sagrados, nos quais a população podia sair do cotidiano e aproximar-se de Deus, alcançar a transcendência, ao mesmo tempo em que se distraía.” Assim as participações de romeiros em atos religiosos ficou mais presente, para eles a devoção era mais importante e não sua posição de destaque, visitar locais sagrados, ter dificuldade no percurso, ter o sentido redentor do sofrimento, o desejo da purificação, do crescimento espiritual, são uns dos vários motivos de participar das romarias. “E o romeiro vê a romaria como um rito de passagem no qual os pecados do mundo profano são abandonados a partir da adoção de uma nova existência”. (SOUZA, 2013, p 81-82).

As procissões surgiram há muito tempo e seus ritos foram praticados de forma diferentes em regiões diferente, passando de região para região, na Amazônia, as festas religiosas foram marcadas por rituais como a procissão, os lugares sagrados, os círios, mas sempre valorizando suas identidades e suas culturas, apesar do inicio ter um histórico de conflitos políticos, sociais, onde causavam grandes conflitos na sociedade, mas ao longo do tempo foram ocorrendo às mudanças e assim surgiram as peregrinações e as romarias que estão presentes até hoje na sociedade.

O estudo das festas populares ou de santos na Amazônia perpassam pela análise das seguintes características: a noção de festa como momento ritual, como momento sagrado, relacional e comunitário, e a noção de festa enquanto instrumento de reprodução de padrões vigentes ( a busca do passado manter significações no cotidiano e na vida social presente). (LUÍNDIA, 2001, p.02)

Portanto, os atos religiosos se diferenciam por usarem elementos diversos, dependendo do santo e da data, os mesmos ocorrem de um jeito e leva alguns elementos fundamentais que

ressalta a imagem do santo que está sendo venerada sobre a questão Mesquita (2015,p.158) faz a seguinte descrição “Elas não são consideradas um objeto de adoração “em sua realidade material, mas de uma veneração na medida em que conduz ao conhecimento e ao amor do que ela representa. O representado age na e pela imagem: assim se pode dizer que a imagem de Cristo é Cristo”. O catolicismo brasileiro foi marcado por grandes conflitos, mas foi se adequando e se adaptando as transformações ocorridas na sociedade e está cada vez mais atuante nos espaços católicos, em diferentes maneiras de execução, pois o catolicismo brasileiro é vivido por diferentes povos e em diferentes regiões, mas sempre no mesmo intuito de promover a fé e venerar suas imagens de devoção, pois “No Brasil, a percepção dos movimentos religiosos permite afirmar que não existe povo sem tradição popular, bem como não existe religiosidade popular se não advir do meio do povo”. (JÚNIOR, 2011, p.180).

## **CAPITULO II: PARA UMA HISTÓRIA DO FESTEJO DO BOM JESUS DA CANA VERDE.**

A história do Bom Jesus da cana verde ainda é enigmática, ninguém sabe exatamente de onde o santo veio, tem pessoas que falam que o Sr. Francisco Candigo Viégas era fazendeiro na época e tinha encontrado o santo no meio do canavial, por isso o seu nome leva cana-verde. Mas segundo o relato da fonte A, que ainda mora na comunidade e é filho do Sr. Roberto Ribeiro Viégas que foi o terceiro herdeiro do santo a história é outra. O Sr. Francisco Candigo Viégas tinha muito dinheiro nessa época, porque era fazendeiro e era pai de Antônio Libório então mandaram pedir a imagem de Bom Jesus em Roma, quando o Sr. Francisco morreu o santo ficou para o seu filho Antônio Libório e mais tarde para seu neto Roberto Ribeiro Viégas, a casa em que moravam estava em péssimo estado e não tinha condição de guardar o santo, então decidiram colocar o santo na casa do Sr. Zé Vito que era pai de criação do Sr. Mané Procópio da Silva, conhecido como Pachola e que era casado com dona Rosa e com ela tinha vários filhos, tinha também em sua casa muitos santos e faziam suas novenas.

Então, segundo a fonte A o Sr. Roberto Viégas pediu para o Sr. Zé Vito, que guardasse o Bom Jesus junto com seus santos, já que sua casa era mais estruturada, assim, mandaram fazer um lugar para o Bom Jesus e começaram a fazer a sua novena junto com outros santos. Antes de morrer o Sr. Zé Vito registrou o pachola como seu filho legítimo, assim, depois da morte do pai pachola herdou todos os santos, inclusive o Bom Jesus e o terreno São Paulo onde ficava sua casa e hoje se encontra a comunidade. Depois continuou com as novenas em sua casa e tempo depois, já fazia as novenas somente para o Bom Jesus, após o ato religioso

aconteciam o ato profano, ou seja, não era feito somente a novena, acontecia também a festa dançante.

Quando Pachola passou a ser dono do santo, o festejo do Bom Jesus da Cana-Verde ficou muito conhecido, após o ato sagrado, acontecia as festas dançantes na casa do Sr. Pachola, onde aconteciam as novenas do Bom Jesus da Cana-Verde seu santo de devoção. Geralmente as pessoas que tinham esses santos possuíam casas maiores, para fazer as novenas e a festa era dedicado ao santo de devoção da família, acontecia a ladainha e depois começava a festa dançante, no Rio Maracapucu-Miri tinha o festejo do Menino-Deus que tinha como dono o Sr. Messias Ferreira e tinha do Bom Jesus da Cana-Verde, onde mais tarde se tornaria a comunidade daquela localidade, no festejo acontecia uma mistura de profano e sagrado.

Lembramos que a igreja católica nos anos 30 ainda não estava organizada com a estrutura paroquial que hoje conhecemos. Nas *ilhas* de Abaetetuba não se tinha comunidade eclesial, a fé deste povo era marcada pela esmolação de santos de devoção. O devoto que ia pagar a promessa organizava na sua casa a ladainha em favor do santo; era sempre uma casa grande para poder abrigar os parentes, vizinhos, amigos e foliões que administravam a reza da ladainha. (JUNIOR, 2008, p.39)

Antes de começar o festejo do Bom Jesus da Cana-Verde, ocorria a esmolação do santo nos centros, cidade e nas casas dos moradores do rio Maracapucu-Miri, muito parecido com o que Galvão (1955, p.60) descreve em santos e visagens “O andador comanda a folia, grupo de músicos e portas estandartes que levam a imagem do santo para as coletas de donativos”. Nesse tempo tinha muito contrabando e rolava muito dinheiro, Antônio Barbosa era responsável por levar o santo pro centro, passava até um mês andando com a imagem, Pachola tinha um reboque<sup>4</sup> e ia até a onde o santo estava fazendo a esmolação e trazia diversos donativos, o santo tinha uma mala e nela era guardado alguns donativos e quem cuidava da mala era a fonte B<sup>5</sup> (Dezembro, 2017)<sup>6</sup> como ele nos relata, “Eu conheci uma maleta que ele tinha quadrada, eu ainda zelei por ela a muito tempo, cheia de joias, um dia desses ainda falei aqui, a joia que esse santo tinha dava milhões de cruzeiro, agora real, mas não se sabe o fim que levou”.

Já a esmolação do santo nas casas das famílias moradores do rio, era feita com a folia, que possuíam maracá feito de cuia, violinho, tinha os portas bandeiras dos santos, os moradores da residência saíam para recepcionar os santos na sua chegada, traziam para dentro

---

<sup>4</sup> Casco coberto pela metade com palha e para sua locomoção era usados dois remos, um em cada lado, nessa época os remos eram conhecidos como faias.

<sup>5</sup> Fonte B: 96 anos de idade, aposentado, morador da comunidade desde sua juventude, durante muito, logo no começo do festejo era zelador da mala do santo, onde ficavam guardados alguns donativos.

<sup>6</sup> Entrevista com a fonte B concedida a Érika na Comunidade de Bom Jesus Da Cana- Verde, no dia 02 de Dezembro de 2017.

de sua residência e começava a cantar a ladainha, muito parecido com o que Galvão (1955. p. 54) em santos e visagens descreve.

A folia acompanha a imagem do santo nas viagens entre as freguesias para coleta de esmolas e donativos. É uma espécie de guarda de honra presente nas ladainhas, novenas e nos dias de festa. É importante porque de sua atuação muito depende o montante de dádivas ao santo; essenciais a conservação das capelas e ramadas e para auxílio dos festivais.

A casa do Sr. Pachola era de madeira altos e baixo, no mesmo lugar que se encontra atualmente a comunidade, a parte de baixo era sua moradia e encima era onde festejavam. No canto da casa ficava o oratório do santo de madeira, tinha as portas e quando começava o ato profano as portas do oratório eram fechadas, o festejo era no período da quaresma, durava apenas três dias, sexta-feira santa, sábado aleluia e domingo de páscoa.

Na sexta-feira santa acontecia somente o ato religioso, nesse dia colocavam o santo em uma caixa e cobria com um pano preto, no sábado as 08h00min retirava o pano e faziam o rito conhecido como a lavagem do santo, o mesmo era banhado com vinho tinto que depois seria distribuído para as pessoas, somente os adultos podiam beber. No domingo de páscoa, tinha a ladainha que fazia parte do momento sagrado e depois começava o momento profano, com a festa dançante, tinha música, dança, comida em grande quantidade tudo feito em bacia de Barros, participavam pessoas de todo os lugares e traziam donativos como patos, galinhas, beiju chica, tapioca, etc.

Hoje em dia esse rito ainda acontece na comunidade, mas com algumas mudanças, feita há alguns anos pelos padres que passaram pela paróquia das ilhas Rainha da Paz, o festejo do santo não acontece mais na quaresma, acontece apenas a celebração com algumas mudanças, o nome que antes era conhecido como a lavagem do santo, hoje é conhecido como a unção do vinho. A comunidade escolhe somente homens para fazer esse processo, o santo é colocado dentro de uma bacia e é banhado com vinho, dentro da igreja com portas fechadas, enquanto isso, os fiéis ficam esperando o vinho no lado de fora da igreja, depois que o santo é banhado o vinho é servido e todos que quiserem podem beber, inclusive crianças, pois todos consideram que o vinho sagrado. Na comunidade a quaresma começa com a celebração na quinta-feira santa e somente no sábado o santo é lavado com o vinho, atualmente acontece somente o ato sagrado, não se tem mas festa dançantes como no começo do festejo, a unção do vinho acontece depois da celebração do culto, feito por membros da comunidade.

O festejo era muito frequentado pelas pessoas da comunidade local e de comunidades vizinhas, as atrações da festa eram os músicos que na época era conhecido como os Jazes, os mas famosos era o jazz união, jazz guarani, jazz Tupi. Eram músicos moradores das ilhas e

cidade que tocavam nesses grupos, os instrumentos eram todos manuais, pois naquela época não tinha energia elétrica, então os instrumentos eram todos de assopro e cordas, como a flauta, cavaquinho, violão, etc. Isso se assemelha com o que Júnior (2008, p.55) descreve em o Imaginário Religioso na Musicalidade dos Artistas de Abaetetuba (1930 a 1955).

Nestas primeiras décadas, a apresentação dos artistas de Abaetetuba, como nos outros municípios ribeirinhos, era manual, visto que não existia aparelhagem sonora e energia elétrica. Eles tinham que responder à exigência que o evento pedia. Concentração e muita disposição pela arte, fizeram destes homens, verdadeiros heróis de festas populares.

O jazz era a atração das festas e a cada música que tocava, era um convite para os cavalheiros tirarem as damas para dançar, mas o que muitas vezes acontecia, era que na época tinha poucas damas e muitos cavalheiros nem chegavam a dançar por falta de mulher, às vezes dançava homem com homem, mas o que ocorria mesmo era a dança homem e mulher. As danças naquela época não era somente pegar a mulher e dançar, tinha todo um jeito de conduzir a dama, na hora da dança existia muito respeito, tanto homem e mulher, como homem com homem, era uma dança diferente dos dias atuais, como relata a fonte C<sup>7</sup> (Novembro,2017) “se tu fosse numa festa dessa do passado tu vinha satisfeita, porque primeiro não se batiam, não como hoje, o cara vai numa festa dessa, rapaz estou tudo muído, desgraçado pisou no meu pé, arrancou minha unha, nesse passado não, Deus os livre, nem pense”.

Segundo a fonte C, no momento da dança tinha-se muito respeito principalmente com as damas, os homens colocavam as damas no peito pra dançarem, mas apesar de ser uma dança colada corpo a corpo, tinha todo um cuidado e respeito, se algum homem desrespeitasse qualquer mulher, era colocado para o lado de fora da casa do festejo, naquela época era tocado às valsas, bolero, samba e saraiva, as danças era dividida em parte e bis como relata a fonte C (Novembro,2017).<sup>8</sup>

*Parte* era quando estava tocando ia tirar a dama, primeira parte, na outra era o *Bis* podia dançar com outro. Pegava a dama colocava no peito dançava. Tinha respeito, cuidado com a dama, dançava e depois agradecia, obrigado! Porre ia logo pra fora, dança-se errado, outros cavalheiros chamava o dono da casa e colocava pra fora. Hoje em dia é roda pra cá, pra lí, muita rodada.

As festas não tinha cerveja, na época o que se bebia era as bebidas de engenho ou outra bebida chamada vodka, mas nem todo homem bebiam, aquelas pessoas que bebiam, era moderadamente sem ficar porre, era servido também guaraná e o chá de canela para dar uma

---

<sup>7</sup> Fonte C: 66 anos, aposentado, morador da comunidade desde sua infância, sempre participou dos festejos desde o início na casa do Pachola.

<sup>8</sup> Entrevista concedida pela fonte C a Érika na comunidade de Bom Jesus, no 05 de Novembro de 2017.

animada nas pessoas. Outra coisa que não existia era o gelo, então era servido refrigerante quente, na festa geralmente tinha as pessoas que vendiam pastéis, doces, todas as pessoas participavam no intuito somente de brincar, existia um respeito pelo Pachola dono do festejo e todos eram amigos dele.

A Nézi levava pastel vortado<sup>9</sup>, dançava. Horas da noite chegava às mulheres e os homens pagavam para as mulheres. Compravam refrigerante, não tinha gelo, quente mesmo, tinha união, iam pra brincar, não vacalhar, só parava porque tinha que trabalhar, festa era sempre do sábado para o domingo. Bem organizado, casa grande, brincava até de manhã, 06h00minhs o pau ainda tava rolando, não tinha os bronqueiros. (FONTE C, novembro,2017,)

Em frente ao barracão era colocado o mastro do Bom Jesus, que ficava fincado em uma roda de concreto, que se encontra até hoje na praia da comunidade, no tempo da festa enquanto as pessoas dançavam as cozinheiras colocavam no meio do barracão, panelas feitas de barro com comida para as pessoas se servirem, toda comida era doada pelos devotos. Tempo depois, a parte de cima do barracão ficou podre, assim, foi feita a primeira diretoria que tinha alguns responsáveis para fazerem outra casa de madeira para o santo, mas os devotos o chamavam essa casa de capela, onde Tavares (2013, p.06) faz a seguinte descrição:

A capela é o centro em redor do qual se organiza o culto coletivo aos santos. Dentro dela podem ser encontradas a imagem do padroeiro e dos santos de devoção da comunidade. Os fieis se reúnem nesses locais para rezar novenas, celebrar festas dos santos, orar pelas almas e para participar de missas celebradas por padres que estão de passagem pela comunidade.

Tempo depois, o Sr. Pachola junto com o outros fundadores convidaram José Moreira, *Maneca* e outras pessoas para uma reunião, e então decidiram fazer uma equipe para construir a igreja de alvenaria José Moreira na época tinha uma embarcação então começaram a carregar tijolo, pedra, areia, o povo foi se animando e participando da comunidade. Em 1972 fizeram a igreja de alvenaria, então começaram a fazer os cultos aos domingos e tinha missa uma vez no ano. Dona Basília moradora da comunidade, trabalhava como professora e era esposa do Sr. José Moreira um dos fundadores da comunidade, a mesma decidiu ir falar com o bispo de Abaetetuba, para liberar uma turma de crisma na comunidade, o bispo liberou e deu aulas de religião para a mesma, depois de um ano de preparação, o bispo foi na comunidade para fazer a celebração da crisma, foi à primeira crisma realizada no interior, com a presença do bispo e depois teve o primeiro batizado com o padre Valeriano. Em 1987 foi institucionalizada a paróquia das Ilhas, Nossa Senhora Rainha da Paz presente na Diocese de Nossa Senhora da Conceição (Diocese de Abaetetuba-PA). Assim, a Comunidade de Bom

---

<sup>9</sup> Em grande quantidade.

Jesus da Cana Verde, começou a fazer parte de uma rede de comunidade da Paróquia das ilhas, sempre obedecendo algumas normas impostas pelo padre, a comunidade passou a adeter os ritos da localidade, nesse tempo já acontecia o círio do Bom Jesus, que saía da cidade e o padre colocou uma norma na comunidade, a proibição das ladainhas em latim, com afirma a fonte B (Dezembro,2017)<sup>10</sup>.

Nesse tempo, tinha o círio e sempre veio da cidade era muito animado, no tempo do benedito da iró, juvico, sargento gato, teve um ano que contei 18 barcos, quase atravessa atracado um no outro, muita gente, vinha bandinha e tinha a ladainha, um ou dois anos mudamos para culto pelo padre Sebastião, tinha que ser o culto porque nos rezava a ladainha em latim e ninguém sabia o que era o latim.

Assim, a comunidade começou a fazer os cultos aos domingos, com as orações das igrejas católicas, como pai nosso, ave-maria, creio, e a cada festejo tinha que prestar conta do lucro com a paróquia, com isso os filhos do Pachola ficaram insatisfeitos, pois queriam que o lucro da festa da comunidade ficasse somente para a família, revoltados começaram a fazer dividas e brigavam no período da festa. Com isso Pachola ficou muito envergonhado, com as atitudes dos filhos e sempre dizia que um dia se mataria de tanto desgosto, certo dia a família deu por falta do pai e quando foram procura-lo, encontraram enforcado em uma corda na mangueira atrás de sua casa, então chamaram o comissário Arante para abaixar o corpo, depois da tragédia a família resolveu abandonar a comunidade e foram morar em Abaetetuba.

Para o desenvolvimento da comunidade foi de suma importância os mutirões, o mesmo acontece desde o início do festejo, é realizado por amigos e devotos do santo, como o festejo acontecia na casa do Pachola os mutirões eram realizados principalmente na sua casa, fazendo limpeza no teto, lavagem, limpeza do oratório do santo, entre outros serviços, esses mutirões não acontecia somente no período do festejo, era realizado assim que a casa necessitasse de limpeza. Os mutirões foram fundamentais para o desenvolvimento da comunidade, os devotos doavam seus dias de trabalho.

Assim, os mutirões persistem na comunidade há muito tempo, mas com algumas mudanças, os trabalhos são divididos em grupos de devotos para serem realizados, na cozinha fica um grupo geralmente de mães, que ficam responsáveis em fazer os alimentos, pois se o mutirão for realizado só pela parte da manhã, é feito somente café e mingau, mas se durar o dia é feito o almoço, outros grupos são dividido para realizarem outros trabalhos e não importa a idade, pois nos mutirões participam crianças, adolescentes, jovens e adultos, todos participam por serem devotos do santo.

---

<sup>10</sup> Entrevista concedida pela fonte B na comunidade de Bom Jesus, no dia 02 de Dezembro de 2017.

Sempre que necessário acontecem os mutirões pequenos, para fazer determinados trabalhos que a comunidade está precisando, mas geralmente acontecem os mutirões maiores uns dois meses antes do festejo. Geralmente acontece no período em que a maré está grande por causa da lavagem, com a maré grande as pessoas não precisam carregar água de muito longe, são feitos trabalhos como capinagem, pintura, lavagem de barracas e louças, varrição, troca de tabuas, entre outros.

As praticas de mutirões que era comum nos campos e nas roças, também fazem parte do processo religioso das comunidades, esse processo de trabalhos coletivos são fundamentais para uma educação não formal, as pessoas apreendem a trabalharem juntas, muitos conhecimentos que não são ensinados em salas de aula é repassado por meio de trabalhos realizados em mutirões. Os mesmos são considerados também como uma forma de agradecimento ao santo, por tantas graças alcançada, os devotos sentem que tem dívida com o santo e como pagamento doa seu dia de trabalho na comunidade. Esses momentos são importantes para criar laços afetivos entre os devotos, pois todos que estão trabalhando são devotos de Bom Jesus, os mutirões acontecem geralmente nos finais de semana ou feriados, assim as pessoas não estão trabalhando e vão ajudar na comunidade, o que Saraiva (2007, p.64) descreve.

O festejo demanda como foi falado uma carga de trabalho considerável, tais como: pintura e reforma da igreja, limpeza e ornamentação, confecção do andor e do altar para a imagem da santa, organização dos espaços para os acontecimentos do festejo (baile, torneio de futebol, limpeza da comunidade, entre outros). Todas essas atividades são realizadas pelos moradores da própria comunidade, homens e mulheres que deixam seu trabalho, sua atividade de sustento para trabalharem para o festejo;(...)

### **CAPITULO III: IMAGENS DA FÉ: ELEMENTOS ESTÉTICOS E ÉTICOS DE UMA DEVOÇÃO.**

As festas católicas ainda são muito presentes em nossa região, geralmente acontecem nos seus centros comunitários, o catolicismo popular vem se adaptando e tentando se manter às inovações que são imposta pela sociedade. Os festejos dos santos de devoção sejam ele doméstico ou de comunidade ainda são muito frequentes, e cada festejo tem sua característica, sua estética, seu período. Os festejos domésticos, ou de santos como assim são conhecidos, aproxima a dimensão profana do sagrado, mas cabe a cada família o direito de escolher como realizará a festa do santo de devoção. Todavia, os festejos de comunidades atualmente pratica somente atos sagrados, assim, a paróquia das ilhas Rainha da Paz, impõem algumas regras que as comunidades das ilhas de Abaetetuba precisa seguir, entre elas a comunidade de Bom Jesus da Cana-verde. Mas, em qualquer lugar onde a festa aconteça, ambas tem os mesmos objetivos, agradecer as graças alcançadas ao seu santo devoção, como afirma Tavares (2013,

p.44) “A festa do santo é um culto coletivo, onde todos estão celebrando a imagem do santo, buscando agradecer pela graça concedida, pagando ou realizando novas promessas”.

Ao longo dos anos, o festejo de Bom Jesus da Cana-Verde sofreu algumas mudanças, pois a maioria foram impostas pela paróquia das ilhas Rainha da Paz, no festejo do santo em 2017 a grande mudança foi à proibição da saída do Círio grande da cidade de Abaetetuba, mas nem por isso deixou a desejar. As preparações para o festejo aconteceram com a peregrinação do santo, a comunidade escolheu algumas casas para fazer as novenas, as mesmas foram dirigidas pelas pessoas que fazem parte das pastorais da comunidade, como a pastoral da criança, do dizimo, jovem, catequese, social, etc.

A liturgia usada na novena é um pequeno livro que vem descrevendo passo a passo da celebração, é cedido pela paróquia das ilhas Rainha da Paz, geralmente as casas escolhidas para essas novenas são de moradores que fazem promessas, ou que estão afastados da comunidade por algum motivo, e algumas novenas aconteceram em outra localidade como pagamento de promessas. As novenas iniciaram no mês de julho, sempre aos sábado e domingo à noite, quando as pessoas chegavam os proprietários da casa serviam sempre um cafezinho, e, no final da celebração geralmente era oferecido um lanche, assim o dono da casa fica responsável por mandar comprar foguetes, velas e quando pode, doa uma premiação de pequeno valor para o bingo. O lucro do bingo é coletado pelo ecônomo<sup>11</sup> da comunidade e serve para pagar algumas despesas. Este contexto é muito similar ao que foi narrado no estudo Silva (1997, p.06) sobre a esmolação no festejo de São Benedito na cidade de Bragança quando afirma a seguinte questão.

O momento mais importante de todo o serviço de esmolação, entretanto, é o “ritual da reza”, que ocorre sempre à noite, a partir das vinte horas, nas residências dos promesseiros. Enquanto os cerimoniais diurnos se caracterizam pelo caráter rápido e passageiro, o rito da reza assume foros de maior solenidade, aliás próprio de todo e qualquer rito. A reza, como é mais conhecido esse momento, compreende diferentes tempos. O primeiro é o das cantorias. Estas por sua vez, servem para demarcar o início e o fim da reza. Tanto num caso como noutro, seus versos são sempre marcados pela louvação ao santo, pela homenagem aos donos da casa, pelo convite e agradecimento à comunidade como um todo.

Depois da ultima novena o santo é levado para Abaetetuba, onde visita algumas casas de devotos ou ex- moradores da comunidade. Nos anos anteriores o andor do santo era decorado em Abaetetuba, mas desde 2017 como foi proibida a saída do Círio da cidade, o andor do santo foi decorado na própria comunidade. Assim, a decoração foi doada por uma devota como pagamento de uma graça alcançada, pois estas ações representa uma espécie de

---

<sup>11</sup> Pessoa nomeado pela coordenação da comunidade para cuidar dos bens da igreja.

trato feito com o santo, tal como nos explica Tavares (2013,p.38) “Estas são um trato feito entre o devoto e o santo onde ambos têm a obrigação de pagar o que foi “acertado”.

O Círio foi realizado no dia 15 do mês de outubro, o Bom Jesus voltou para a comunidade uma semana antes do início do festejo, para que seu andor fosse decorado e trocados os mantos, ambos doados por devotos do santo, pois tudo tinha que ficar pronto para a hora mais esperada que é o Círio grande onde se inicia o festejo. Todavia, antes de começar o momento mais esperado pela comunidade durante o ano, há uma organização de trabalhos feita pela coordenação da comunidade e devotos do santo que muitas vezes vem de comunidades vizinhas ajudar nos preparativos. Na semana do Círio o centro comunitário fica mais movimentado, assim os coordenadores da comunidade dividem as equipes que ficam responsáveis por organizar algo que foi destinado para eles, tais como fazer compras de comidas, materiais descartável, materiais de limpeza, alugar o som, comprar gelo e refrigerante, entre outros serviços.

Assim acontecem os mutirões<sup>12</sup> para deixar tudo certo para o festejo. Na igreja e nos barracões são feitas as decorações doadas por devotos do santo. No arraial a decoração fica por conta do grupo de mães da comunidade, e na semana do círio alguns devotos se mudam pra comunidade para realizarem alguns serviços, tais como limpeza, capinagem, lavagem, entre outros, independente da idade todos ajudam. No sábado, véspera do Círio a metade dos serviços já foram realizados, algumas mulheres a maioria são integrante do grupo de mães da comunidade, assim as mesmas se mudam para a comunidade a véspera do Círio grande, pois vão trabalhar até tarde da noite cozinhando. Elas contam também com o auxílio de outras pessoas que ajudam em trabalhos mais leves, os homens também trabalham até tarde carregando gelo, refrigerante, cadeiras, mesas, e ficam sempre auxiliando as mães na cozinha no que elas precisarem. Assim, o festejo promove o encontro entre as pessoas, criando uma relação de afetividade, ocorrendo um processo de educação não formal, onde os conhecimentos de como realizar certos trabalhos passam de gerações para gerações, nesses momentos são muito presentes a ética desses fieis, onde eles colaboram e cooperam entre si para uma única finalidade, pois todos tem o mesmo objetivo, que é fazer o festejo acontecer. Está é uma prática muito comum, tal como Saraiva (2007, p. 62) referenda no seu texto abaixo.

O fazer “coletivo” é uma das características das populações ribeirinhas, pois o trabalho nessas áreas tem como uma das grandes características ser um trabalho coletivo, um trabalho que conta com a participação de vários grupos e famílias. É

---

<sup>12</sup> Mutirão é um trabalho coletivo, uma mobilização de caráter gratuito, onde ocorre a execução de serviços beneficente à comunidade.

feira, é de algum modo o reflexo desse trabalho coletivo, organizado de forma a ajuda mútua, da participação de grupos com interesses em comum.

Durante o dia alguns donativos chegam à comunidade e isso é muito similar com o festejo de São Benedito em Bragança como nos afirma Silva (1997, p.222). “É comum, entretanto, na véspera, os devotos começarem a trazer os donativos, embora ocorram situações de eles serem trazidos momentos antes do seu início ou até mesmo durante a sua realização. O dj começa liga o som e já dar pra sentir o clima de festa, a pessoa responsável por soltar os fogos inicia logo seu trabalho fazendo a girândola<sup>13</sup> dos foguetes, assim, os fogos começam a ser soltos para avisar que o festejo está iniciando. À tarde, a coordenação da comunidade vai deixar o santo na comunidade vizinha de onde vai sair o círio no domingo de manhã, no mesmo dia a noite acontece à reunião com as pessoas que vão trabalhar no festejo, dividindo o trabalho de cada um e acertando os últimos detalhes, são aquilo que Figueiredo (2011, p.02) chama de encargos da festa.

Para que a festa de santo ocorra são necessárias diversas figuras simbólicas que não só cuidam da execução da festa, mas contribuem para a perpetuação e repetição da mesma enquanto tradição. Essas figuras preenchem o que chamamos de *encargos da festa*: para que a festa se realize e principalmente perpetue-se, existe uma série de encargos (funções) para diferentes membros da população de um local. Cada um desses encargos possui uma atribuição específica e prestam alguma homenagem ao santo da festa, representando uma referência para a população do local e uma garantia de responsabilidade para quem possui o encargo. De outra forma, é um sinal de respeito e contentamento ser escolhido (ou sorteado) para uma certa atribuição na festa.

O círio do santo acontece há 4 anos no mês de outubro, há 20 anos atrás o círio saía de algumas comunidades da cidade de Abaetetuba, de casa de ex-moradores da comunidade ou por pessoas que queriam pagar alguma promessa atendida, o círio era realizado no domingo de manhã por volta de umas 08:00hs, quando as pessoas chegavam do sítio e se reuniam com as pessoas que já estava no local, na chegada era servido um café da manhã e logo depois era realizada a celebração, para dar início a procissão, que segundo Tavares (2013,p.09).

As reverências aos santos ou as procissões, fazem parte do cerimonial no qual o santo sai à rua carregado pelos devotos e onde são prestadas as reverências ao santo seja de forma individual – beija-se o altar, a cruz, a imagem do santo ou a fita que pende da imagem – ou coletiva – caminha-se junto, orações e músicas são entoadas pelos devotos e algumas vezes danças e encenações religiosas são realizadas.

Assim, as procissões passavam pelas ruas da cidade até a feira municipal da Abaetetuba, quando chegava à feira as embarcações a motores já estavam à espera do santo e

---

<sup>13</sup> Cruz feita de madeira com pequenos orifícios onde possa fixar os talos dos foguetes, assim os mesmos são colocados em conjuntos para serem lançados sucessivamente.

dos fiéis, para seguir a procissão pelos rios até a comunidade de Bom Jesus da Cana Verde. Todavia, ocorreu uma assembleia no laranjal e a maioria dos coordenadores das comunidades das ilhas, decidiram que a partir do ano de 2017 o círio das comunidades que fazem parte da paróquia Rainha da Paz, só poderia sair de comunidades das ilhas de Abaetetuba, ou seja, comunidades vizinhas, assim, os círios não poderiam mais sair da cidade.

Com essa nova regra, no ano de 2017 o círio saiu da comunidade de São Miguel Arcanjo da costa Sirituba, ilhas de Abaetetuba, depois da celebração realizada na mesma comunidade, deu-se início a procissão fluvial pelos rios até a comunidade de Bom Jesus da Cana Verde, durante a procissão foi realizada a celebração com os fiéis, os cantos foram acompanhados com bandinha que é um grupo de pessoas que tocam instrumentos manuais como saxofone, tambor, etc. Algumas embarcações levaram foguetes para soltar durante a procissão, mas tudo com muito cuidado por causa de acidentes com os fiéis, no ano de 2011 em assembleia no laranjal com a presença do bispo Dom Flávio, foi proibida o uso de bebida alcoólica nas comunidades, mas ainda podemos ver pessoas consumindo em algumas embarcações que acompanha o círio.

Quando as embarcações que participaram do círio, começa a entrar na comunidade do Sagrado Coração de Jesus que fica no Rio Maracapucu, já podíamos perceber moradores nas pontes de suas casas, vendo o santo passar, mesmo aqueles que pertencem à outra comunidade são devotos de Bom Jesus da Cana Verde. Em algumas casas quando o círio passou foram soltados os foguetes para receber o santo, pois “A distancia da Procissão era medida pelo barulho dos fogos, que já arrebentavam na boca do rio Abaeté” (RODRIGUES, 2002,p.06,)

Quando o santo chegou a sua comunidade, foi solto uma alvorada de foguetes, geralmente doado por algum devoto do santo, assim, cabe a pessoa que ficou responsável por fazer a girandola colocar em um local seguro para evitar acidentes, a chegada do santo extrapola emoções nos devotos, assim alguns cuidados deve ser tomados para que nenhum imprevisto aconteça, situação muito parecida com que Silva (1997,p.126) relata no festejo de São Benedito em Bragança.

Embora tudo seja cuidadosamente preparado, a chegada do Santo é um motivo para extrapolar emoções. Assim, é comum a formação de um alvoroço, motivado pelo rumor que lentamente vai tomando conta das pessoas, à medida que se aproxima o cortejo. O ritmo acelerado do tambor que induz a uma persuasão muito grande, ajudado pelas expressões do tipo “o Santo já vem!”, levam as pessoas a correr de um lado por outro. Varre-se ligeiramente a casa para retirar-lhe a sujeira. O corre-corre, a ululação dos preparativos, o levantar da poeira dão o tom dessa efervescência criada à chegada do Santo.

Ao chegar à comunidade ainda nas embarcações, começou a tocar o hino do Bom Jesus acompanhado pela bandinha e fiéis, quando as embarcações atracam na ponte da comunidade, se tem um cuidado maior para poder tirar os fiéis e principalmente o santo, geralmente os fiéis e a bandinha são os primeiros a saírem do barco, depois tem uma equipe de homens que organizam a melhor posição do barco para retirar o santo, tudo com muito cuidado para não deixa-lo cair. Na imagem abaixo, representado pela figura 1 podemos perceber este momento muito singular.

**Figura 1-** Desembarque do santo na sua comunidade



**Fonte:** Érika Natália (2017), Acervo: Érika Natália.

Quando o santo já estava na ponte da comunidade, começou uma procissão para entrar na igreja, foram quatro homens para carregar o andor com o santo e alguns fiéis que queriam ajudar, até mesmo mulher. Foi realizada uma pequena procissão pelo arraial da comunidade, acompanhada pelos fiéis e a bandinha, todos referenciando o santo, aplaudindo e beijando a sua fita, as cozinheiras, os fideiros do bar, os garçons, as secretárias de leilões, o locutor, os djs, os corretores de leilões, todos acompanharam a procissão do seu local de trabalho. A imagem da figura 2 mostra a procissão realizada na chegada do cárie grande.

**Figura 2-** Procissão após a chegada do círio.



**Fonte:** Grupo Cuíra (2017), Acervo: Grupo Cuíra.

Após entrar na igreja o andor do santo foi colocado em cima de uma mesa, que fica ao lado direito do altar da celebração, “A igreja logo fica tomada de fiéis. Uma infinidade de foguetes é queimada à beira-mar”.(SILVA, 1997,p. 245).A celebração foi realizada pela comunidade São João do rio Guajarázinho, durou em média uns 30 minutos, foram realizadas as leituras diária como a 1º leitura, salmo responsorial, 2º leitura e o evangelho, foi uma celebração pequena, pois os fiéis estavam cansado da procissão. Antes de terminar a celebração, o coordenador da comunidade fez os agradecimentos para os organizadores do círio, foram feitos alguns testemunho de fieis que receberam alguma graça e depois a celebração foi encerrada com o hino do Bom Jesus e mas uma alvorada de foguetes.

Enquanto estava acontecendo à celebração, o trabalho já tinha começado no lado de fora da igreja, às cozinheiras começam a preparar os bandecos, os garçons a arrumar as mesas, pois já tinha pessoas querendo comer e beber, e quando terminou a celebração começou um alvoroço que durou aproximadamente umas duas a três horas. Na cozinha a movimentação é com as vendas de fichas para os bandecos, geralmente são vendidos seis tipos de comida como: carne guisada, frango frito, camarão com legumes, capivara desfiada, charque com legumes e o pirarucu frito, os bandecos são vendidos a dez reais com direito ao açaí, com exceção do pirarucu que é vendido a quinze reais, no bar são vendidos água e refrigerantes, pois é proibida a venda de bebidas alcoólicas.

Após tocar algumas músicas religiosas, muda-se o ritmo da música e dar-se início a vendas de leilões, que pode ser comida, toalhas, lençol, louças de cozinha, imagens de santos, barcos de miriti, todos esses leilões são doados por devotos do santo ou pela comunidade, “As doações advindas das promessas eram leiloadas e destinadas ao pagamento das despesas da Igreja”. (FIGUEIRA,1973,p.10). Quem faz toda os lances é o locutor que vai de Abaetetuba, com a ajuda do *Dj. Os corretores e a secretária de leilões*, quem der o lance maior leva o leilão, os garçons, por sua vez, têm como trabalho manter as mesas e o barracão limpos, além de atenderem as pessoas em que elas precisarem, como comprar comida, refrigerante, água, dar assistência para os devotos, essa programação vai geralmente até umas 16h00min do domingo.

O festejo dura uma semana, começa no domingo e só termina no domingo seguinte. Durante a semana na segunda, terça, quarta e quinta-feira as celebrações são a cargo das pastorais da comunidade. Nessas noites são dividido os mordomos em quatro grupos, que são os próprios moradores da comunidade, fica a critério de cada grupo de mordomos decidirem o que eles vão fazer na noite deles, “Durante a festa são encontradas as orações mais comuns. Pai-Nosso, Ave-Maria, o terço, as ladainhas e as orações próprias de cada santo”. (TAVARES, 2013, p.09). No ano de 2017 a programação teve algumas alterações devido à data da missa, de sexta-feira dos veteranos até o domingo da festa a programação pode sofrer algumas mudanças e isso depende da data da missa que é marcada pela paróquia das ilhas Rainha da Paz.

A sexta-feira era conhecida como sexta-feira dos veteranos, onde a celebração ficava a cargo da Folia de São Miguel do Cataiandeu<sup>14</sup> e depois passava para a bandinha, nessa noite acontecia à famosa mesa das mães, uma tradição que já dura aproximadamente 25 anos. Assim, a mesa das mães é formado pela pastoral das mães que fazem parte da comunidade, elas se reúnem durante o ano e fazem as suas coletas mensal para arrematar uma tábua, que na verdade é parecida com uma grande bandeja. Nessa tábua as mães colocam frutas, doces e comidas da região, depois as mesmas se reúnem e formam uma grande mesa com todas as mães presentes, então começam a leiloar a tábua, e com o dinheiro da coleta mensal que realizaram durante o ano, elas mesmas arrematam a tábua que elas doaram. Após se servirem de tudo que tem na tábua, as mães servem alguns de seus familiares, essa mesma tradição da tábua das mães era a tradição dos jovens, mas com o tempo a dos jovens deixou de acontecer e somente as mães persiste com essa tradição.

---

<sup>14</sup> Ramal de moradores rurais que fica na cidade de Abaetetuba-PA.

No ano de 2017 houve uma mudança, a missa que é realizada pelo padre da paróquia das ilhas Rainha da Paz, foi marcada na sexta-feira, então a programação de sexta-feira que é conhecida como sexta-feira dos veteranos foi adiada para o sábado, em outros anos o sábado era celebrado por alguma comunidade vizinha, assim, na sexta-feira foi realizada a missa com o padre Adamor Lima, após a missa aconteceu às vendas. Fato este constatado no festejar em comunidades ribeirinhas de porto velho/RO por Saraiva (2007, p.73). “As comunidades ribeirinhas passam a maior parte do ano sem a presença de um sacerdote, sua presença é esperada durante os festejos, são nesses momentos que os moradores podem receber os sacramentos” fenômeno muito parecido com o festejo de Bom Jesus da Cana-Verde. No sábado aconteceu à celebração a cargo das pastorais da comunidade e por motivo de doença a folia do cataiandeua não pode participar, depois da celebração ocorreu às vendas de comidas, refrigerantes, lanches e os leilões e apresentação da bandinha, como é uma noite dedicada aos veteranos, a bandinha toca musicas mas antigas.

A meia noite ocorre à peregrinação do santo, para a casa da família de onde vai sair o círio mirim das crianças, é realizada uma pequena procissão de dentro da igreja até a embarcação onde é colocado o santo, a procissão é acompanhada pelos fiéis e pela bandinha, depois que o santo é colocado na embarcação somente a bandinha e algumas pessoas, principalmente os homens que vão carrega-lo acompanham a procissão, até a casa de onde vai sair o círio mirim. Na imagem abaixo na figura 3, demonstra a procissão do santo para a casa do devoto patrocinador do círio mirim.

**Figura 3-** Procissão do santo até a residência de onde sairá o círio mirim.



**Fonte:** Grupo Cuíra (2017), Acervo: Grupo Cuíra.

No domingo dia da festa pela manhã, acontece o círio mirim o mesmo surgiu em 2005 como proposta da coordenação da comunidade, no início a ideia era apenas, que as crianças participassem com suas canoas enfeitadas, como um momento de diversão, não se tinha premiação. Em 2008 Modesto, filho de um dos fundadores da comunidade, colocou a proposta de se ter premiações para as canoas mais enfeitadas, a partir daquele ano aumentou a participação de pessoas no evento e a competição entre as canoas, assim a criatividade de cada participante é o que destaca nas canoas, mas para participar são exigidos alguns critérios tais como: tem que ser canoas a remo enfeitadas com produtos da região, e somente com crianças. No começo era permitido o uso de animais, mas depois de mortes dos mesmos, foi proibido o uso.

Na manhã do círio mirim as 06h00min acontecem à alvorada de fogos e logo se percebe o movimento no rio de canoas enfeitadas com as crianças e de pessoas que foram somente participar, as 07h00min na casa da família que ficou responsável pelo círio mirim, aconteceu o café da manhã para os fiéis, o Bom Jesus é colocado em lugar de destaque na casa para receber as pessoas. Depois do café, aconteceu uma pequena celebração e em seguida começou a procissão pelo rio até a comunidade, na hora de embarcar o santo foi preciso ter muito cuidado para que não ocorresse nenhum acidente com o santo ou com os fiéis, geralmente a embarcação que o santo acompanha a procissão pode ser a remo ou em pequenas rabetas, mas tudo com o máximo de segurança, na mesma embarcação ou ao lado vem a bandinha acompanhando a celebração durante o trajeto. Na imagem abaixo podemos perceber as embarcações das crianças e dos fiéis participando do círio mirim.

**Figura 4-** Círio mirim das crianças.



**Fonte:** Érika Natália (2017), Acervo: Érika Natália.

No ano de 2016 o círio mirim ganhou uma nova participação, a mais conhecida barca da equipe dos pavulagens, onde um grupo de moradores e ex-moradores da comunidade, todos devotos de Bom Jesus e em diferentes idades, decidiram fazer uma pequena balsa com materiais da região para acompanhar o santo somente no círio mirim. O nome da equipe foi em alusão ao arrastão dos pavulagens que acontece todo ano em Belém do Pará, assim a equipe organizou e fez uma pequena balsa mas não foi o suficiente para caber todos os participantes. Então, no ano de 2017 tudo foi organizado com antecedência, a balsa foi feita com materiais da região que aguentas-se mais peso sem afundar e foi feita em tamanho maior para aguentar mas pessoas, depois de pronta os participantes da equipe decidiram fazer coleta para comprar foguetes, chapéus de palha, camisa do festejo com o nome da equipe, leilões, tudo em devoção ao santo e também valorizando pertencer aquele território, pois apesar da maioria dos participantes da equipe não morarem mas na localidade, eles ainda consideram a comunidade como lugar de origem.

Ao redor do santo, vem às canoas das crianças, cada uma com sua criatividade, cabe aos pais e parentes de cada criança inovar a decoração das canoas, assim a decoração e a criatividade de cada canoa é o que chama atenção dos patrocinadores do círio mirim, onde os mesmos patrocinam as premiações, cada canoa que está concorrendo às premiações, tem uma

decoreção e um nome para identifica-la, os fiéis também acompanha a procissão ao lado das crianças, mas em canoas separadas. Nas imagens abaixo da figura 5 e 6, estão umas das canoas que participaram do círio mirim, a primeira conhecida como canoa dois irmãos que foi representando as plantas da localidade, usaram também os frutos regionais, destacando o uso da palmeira de miriti para confeccionar os paneiros de plantas e os brinquedos de miriti, mesmo sendo uma competição não deixaram que se perder-se o verdadeiro intuito do círio mirim, que é venerar a imagem de Bom Jesus da cana verde, festejando assim o catolicismo popular daquela região, ao meio das plantas foi colocado uma imagem do santo em uma canoa, tudo feito de miriti.

**Figura 5-** Canoa dois irmãos participando do círio mirim, representando as plantas.



**Fonte:** Grupo Cuíra(2017), Acervo: Grupo Cuíra.

O círio mirim contou também, com a participação da canoa de nome dois amigos que vieram representando os pescadores, as crianças se caracterizaram com veste e equipamentos usadas em pescas, como matapi, rede de malhar, raza de jupatí, etc. Usaram arvores de açái e plantas para decorar a embarcação, toda a decoreção remete ao povo das ilhas, que luta a cada dia para conseguir seu sustendo, pescando ou tirando da natureza, como por exemplo, o açái.

**Figura 6-** Canoa com o nome Dois amigos, representando os Pescadores no círio mirim.



**Fonte:** Grupo Cuíra (2017), Acervo: Grupo Cuíra.

Na chegada do círio mirim na comunidade o santo foi desembarcado e logo após foi feita uma pequena procissão no arraial, acompanhado da bandinha e pelos fiéis, depois o santo foi levado para dentro da igreja onde aconteceu a celebração a cargo da comunidade Abaetezinho (Convento) em homenagem as crianças. Enquanto acontecia o ato religioso dentro da igreja, as crianças que estavam concorrendo às premiações ficaram no porto da comunidade, esperando os organizadores e os patrocinadores do círio mirim ir observar as canoas, ver o que cada uma trouxe de novidade, recolher os nomes das crianças e da canoa que elas estavam representando e decidirem entre eles, quais mereciam as premiações.

**Figura 7-**Canoas das crianças a espera dos patrocinadores.



**Fonte:** Érika Natália (2017), Acervo: Érika Natália.

Depois de serem observadas, as crianças foram liberadas para sair das canoas e foi servido o almoço para as mesmas, os organizadores e os patrocinadores do círio mirim, recolheram tudo o que tinha nas canoas das crianças e colocaram em uma mesa no barracão da comunidade. E como tradição, tudo o que estava nas canoas das crianças é leiloado e quem der o maior valor leva tudo, se o arrematador decidir doar algo para as pessoas que estão presentes, fica a critério dele.

Após a celebração, alguns devotos doaram merenda, doces ou bombons para as crianças, na comunidade são esperados três momentos que já são considerados como tradições: as premiações das canoas mas enfeitadas, o leilão de tudo que estava nas canoas das crianças e o leilão do bolo do santo. Na imagem da figura 8 podemos perceber a barraca onde ocorrem os leilões, são arrumadas as mesas onde as pessoas se reúnem em família ou entre amigos para comer, conversar, prestigiar os leilões e as premiações.

**Figura 8-** Barraca da Comunidade de Bom Jesus da Cana-Verde.



**Fonte:** Érika Natália (2017), Acervo: Érika Natália.

Assim, começou o momento mais esperado por elas, ou seja, as premiações das canoas enfeitadas, as crianças que estão concorrendo são convocadas e todos os prêmios dessa competição são doados por devotos do santo, quem fica responsável por premiar essas canoas é o Modesto, no 1º, 2º e 3º colocados as premiações são maiores, o restante das montarias recebem cestas básicas. No ano de 2017 o 1º lugar ganhou mil reais, o 2º lugar ganhou um quarto de boi e o 3º lugar ganhou trezentos reais e as outras crianças que participaram ganharam uma cesta básica, as premiações começam a ser entregue do 3º lugar, depois 2º e por fim o 1º lugar, somente depois é entregue as cestas básicas.

Cada premiação é entregue as crianças ou aos seus responsáveis pelo devoto que doou o prêmio, depois de anunciado os três primeiros lugares, começa a entrega de cestas básicas para o restante das crianças que estavam concorrendo às premiações, logo após as premiações, começa as vendas de comidas, merenda e principalmente de leilões. Depois de algumas horas, ocorreu o leilão de tudo que estava nas canoas das crianças participantes do círio mirim, no ano de 2017 o lance maior foi de R\$ 1.000, nessa mesma manhã ocorreu também o leilão de outra tabua doada pelo grupo de mães da comunidade, é parecida com a tabua que elas doam e arrematam na sexta-feira dos veteranos, mas nesse dia elas somente doam.

Depois da venda de alguns leilões, chega a hora do leilão mais esperado do festejo, todos esperam por esse momento que a cada ano vem superando as expectativas, é o leilão do bolo do santo, que é doado todo ano pela fonte E<sup>15</sup>, como “pagamento” de uma promessa feita há uns 15 a 20 anos. A promessa foi feita ao Bom Jesus e segundo a devota, será realizada até o final de sua vida, como podemos ver na imagem da figura 9, o bolo é feito na cidade e geralmente é feito de vários andares, no primeiro andar é colocado uma pequena imagem do Bom Jesus.

**Figura 9-** Bolo do Santo.



**Fonte:** Érika Natália (2017). Acervo: Érika Natália.

Quando o bolo chega à comunidade, é colocado em cima de uma mesa onde todos possam ver, esse é sem dúvida o leilão mais esperado e o mais “famoso” do festejo, geralmente é arrematado por uma família ou por grupo de amigos que se reúnem para comparem juntos. Assim, o locutor convoca a bandinha e anuncia que será realizado o leilão do bolo do santo e para começar a bandinha toca uma musica, que dará inicio no leilão, então começa os primeiros lances das pessoas interessadas, a cada lance a bandinha é convocada pelo locutor a dar uma “palha” que nada mas é, tocar um pedaço de alguma música e assim segue os lances do leilão, e como é de costume quem der o maior valor, leva o bolo do santo e pra finalizar a bandinha toca uma musica pra finalizar o leilão.

---

<sup>15</sup> Fonte E, 63 anos, aposentada, moradora da comunidade e sempre foi devota do Bom Jesus, doadora do bolo do santo.

No ano de 2017, o bolo do santo foi bem disputado pelos seus devotos, mas foi arrematado pela equipe dos pavulagens por R\$ 3.0000, logo após ser arrematado os participantes da equipe, decidiram compartilhar o bolo com todos que estavam presente no festejo, como sinal de união, ainda no círio mirim a programação de vendas de leilões, refrigerante, comida e merenda, se estendeu até umas 16h00min, pois a noite ainda tinha programação. Durante a programação a coordenação da comunidade já vai fazendo o convite para as pessoas fazerem doações para o festejo do próximo ano, assim, se o devoto se sentir a vontade ele comunica a coordenação do que deseja doar e seu nome é anotado pela secretaria da comunidade no caderno de doações do próximo ano.

No domingo à noite, conhecido como domingo da festa, foi realizada uma pequena procissão com o santo no arraial, acompanhado pelos fiéis, a celebração ficou a cargo da comunidade Sagrado Coração de Jesus, após o término da celebração, começou a programação de vendas, como lanches e leilões que na maioria foram doados por devotos, para agradecer alguma graça alcançada, assemelha com o que Saraiva (2007,p.66) descreve em Festejos e religiosidade popular: o festejar em comunidades ribeirinhas de Porto Velho/RO.

O festejo religioso em comunidade ribeirinha terá em sua programação as cerimônias religiosas, rituais, e claro, o momento do divertimento e da recreação. A festa assume caráter socializador, já que com a realização destes eventos os moradores das comunidades se encontram, a relações se estreitam e os momentos de vivência tornam-se mais acentuados.

**Figura 10-** Dia da festa à Noite.



**Fonte:** Érika Natália (2017), Acervo: Érika Natália.

No festejo a estética é essencial, a cada ano fica a cargo da coordenação da comunidade escolher duas cores que será usado durante o festejo, pois as mesmas vão ser trabalhadas na estética do manto, andor, na decorações da igreja, barraca, arraial e na decoração do bolo do santo, como é santo geralmente são escolhida cores masculina como azul, vermelho, roxo, mas o certo é sempre usar a cor branca e escolhe outras cores para destacar.

As despesas da estética do festejo não são pagas pela comunidade, todas elas são doações de devotos do santo que fizeram alguma promessa e receberam sua graça e como pagamento doa algo para o festejo, a comunidade apenas comunica as cores e cada devoto fica responsável por sua doação Souza (2013, p.118) ressalta muito bem esse trato entre santo e os fieis em seu trabalho sobre Festas, Procissões, Romarias, Milagres, aspectos do catolicismo popular “E, no caso dos santos, estes milagres podem ser obtidos a partir da intervenção humana: a partir da realização de um trato entre o santo e o fiel. Mas trata-se de uma troca na qual o santo, para conceder sua proteção, deve ser homenageado de forma concreta”.

O manto do santo é um dos destaques dessa estética, esse manto geralmente é doado por devotos como pagamento de alguma graça alcançada, o devoto faz sua promessa ao santo e quando é atendido, comunica a coordenação da comunidade que deseja doar o manto, os

mantos sempre foram doações dos fiéis, mas antigamente eram mais simples na questão da estética, pois somente algumas fitas eram costuradas no mesmo. Atualmente os mantos estão sendo feitos com mais detalhes, mais enfeites e a cada ano se tenta inovar, fica a critério do devoto decidir como mandar fazer, qual tecido, se será bordado, a única exigência, é que seja das cores que foi escolhida para o festejo. Os mantos atuais são diferentes dos mantos usados no começo do festejo na questão do tamanho, antes os mantos eram curtos, não cobria os pés do santo, ficava pela canela, depois de certo tempo a comunidade decidiu mudar, assim, os mantos do santo foi modificado.

O santo não usa mais mantos pequenos e nem decorado com fitas, atualmente são usados pedras, miçangas, paetê e tecidos mais estilosos, durante o festejo usa-se dois mantos, um no círio grande e o outro é colocado para o círio mirim, durante o ano ou no festejo o santo sempre recebe doação de algum devoto. Atualmente esses mantos são cuidados Pela fonte D<sup>16</sup>, moradora da localidade e devota do santo, que se dedica há aproximadamente 25 anos a cuidar dos mantos, toalhas do altar e das vestes litúrgicas, a mesma também é zeladora da comunidade.

A devoção ao santo foi passada por sua mãe que era zeladora da comunidade, a dedicação a cuidar dos mantos não foi promessa ou algo parecido, nessa época não tinha quem cuidasse, então ela decidiu zelar pelos mantos, toalhas, flores do santo e está cuidando até hoje. O santo possui muitos mantos e atualmente não tem um armário, onde possa guardá-los adequadamente, assim o trabalho é maior, os mantos mas novos fica guardados em uma mala e os mas usados fica guardados em sacolas, atualmente o santo tem 60 mantos de diferentes cores, tecidos e ainda guarda alguns de seus primeiros mantos.

Na lavagem dos mantos, é usado somente amaciante e usa-se naftalina na mala e sacola por causa de bichos como barata e traças, mas com o tempo os mantos precisam ser lavados novamente, por causa do mau cheiro e alguns ficam amarelados. A troca do manto do santo é feita de 15 em 15 dias, mas a questão da cor depende do “tempo litúrgico<sup>17</sup>”, na religião católica o “tempo litúrgico” são representados por cores, assim o manto do santo obedece o tempo dessas cores, a zeladora já pensou em várias vezes entregar o seu cargo, mas nos relata o principal motivo que a faz desistir.

E agora praticamente eu não tenho coragem de dizer assim, olha eu não quero mas cuidar, eu falo as vezes, não porque, isso, cuidar da roupa do santo dar muito trabalho, porque tem época que eu tenho que lavar tudinho porque fica amarela e

---

<sup>16</sup> Fonte D: 53 anos, lavradora, zeladora da comunidade.

<sup>17</sup> São os tempos que a igreja católica celebra durante o ano litúrgico, e são divididos em: Advento, Natal, Tempo comum, Quaresma, páscoa e Tempo comum.

suja, é manto, toalhas e veste litúrgicas, mas é o cuidado que eu vou cuidar até não dar mas conta, vou ter que entregar.(FONTE D, Abril, 2018)<sup>18</sup>

O santo é vestido com um manto, mas usa uma pequena bata por baixo do manto grande, então na hora de trocar o santo ele nunca fica totalmente sem veste, quando se tira a bata por cima, ou seja, pela cabeça, vai logo assubindo outra bata por baixo pelos pés e depois é colocado o manto grande. Segundo alguns relatos de pessoas da coordenação da comunidade, quando o santo não quer ser carregado por certas pessoas ele pesa muito, mas a fonte D diz que para ela ele nunca pesou tanto assim, “Quem lida com o santo, quem carrega, pensa que ele afunda devido ele pesar tanto, mas na verdade ele não afunda se colocar na água” (FONTE D, Abril, 2018).

Ao trocar o manto, a fonte D faz sempre um rito, como nos afirma: “olha meu pai eu já vou trocar a sua roupinha, mas só que eu tenho um gesto pra trocar, o Bom Jesus usa um por baixo, eu tiro um e logo coloco o outro, ele nunca fica sem manto”, primeiro ocorre um pedido de licença em respeito ao Bom Jesus e só depois ocorre à troca do manto. O santo ainda possui algumas doações vinda de fiéis, possui 150 fitas que recebe como pagamento de promessas, tem 14 toalhas de altar todas de doações, vários terços de diferentes modelos, bróz de roupa e algumas joias como cordão e anéis, que a fonte D acredita ser de ouro, devido o tempo que ela já tem guardado e ainda está em bom uso.

O santo recebe criticas devido usar mantos, pois muitos santos não usam mantos, são somente pintados, mas a comunidade sempre fez questão de permanecer o uso, porque o manto é usado desde o inicio do festejo, antes mesmo de ser fundada a comunidade. O santo já recebeu muitas criticas também por usar andor, que é muito parecido com uma berlinda, mas a comunidade diz que é andor e sempre fez questão de usá-la, desde o surgimento da comunidade, ambos são mantidos no festejo do santo pois a comunidade, de modo geral os devotos, consideram ambos como tradição do santo.

No ano de 2016 tentou-se mudar a berlinda, o santo foi colocado em um pequeno casco de madeira enfeitado de flores sintéticas, mas muitos fiéis estranharam a falta do andor, então no ano de 2017 a coordenação decidiu voltar a usa-lo, para a comunidade ambos são considerados como uma tradição no festejo e os fiéis não querem perdê-las, como relata a fonte D devota e zeladora da comunidade.

Na comunidade já foi discutido porque ele usa manto, mas isso é uma tradição que os antigos já colocaram isso, quando nós conhecemos o Bom Jesus, se entendemos ele já usava manto e a mesma pergunta do manto é da berlinda, já até tiraram em um ano a berlinda, veio em um casco, era pra ele não usar mas a berlinda, mas é uma tradição, desde que foi entendido ele já usava a berlinda.

---

<sup>18</sup> Entrevista concedida pela fonte D na comunidade de Bom Jesus, no dia 10 de Abril de 2018.

**Figura 11-** Círio Grande ano 2016, sem o andor do santo.



**Fonte:** Érika Natália (2016), Acervo: Érika Natália.

A última restauração do santo foi em 2015, a imagem recebeu uma pintura com uma tinta de cor mas cara, parecida com pessoas de pele mas branca, o santo sempre teve uma cueca que foi feito na própria imagem, por isso a comunidade sempre fez questão de ser usado o manto. O Bom Jesus da Cana Verde é diferenciado de outros santos principalmente das ilhas de Abaetetuba, por usar manto e berlinda, outra característica do santo que chama atenção é o seu tamanho, por isso os seus mantos são bem maiores se comparados com outros santos que usam manto.

**Figura 12-** Bom Jesus da Cana- Verde



**Fonte:** Érika Natália (2018), Acervo: Érika Natália.

No festejo a estética é trabalhada também no enfeite do arraial, antes era feito bandeirinhas de plástico, depois foi de failhete, mas não era resistente e o custo era mas alto. Atualmente, o enfeite é feito de fitas metalóides que dar um certo brilho quando recebe a luz do sol e também é resistente a chuva e ventos, são usados 100 carrinhos de fitas para essa decoração e todo ano o grupo de mães da comunidade ficam responsáveis por cortar, amarrar e decorar o arraial, mas sempre contando com a ajuda de homens para subir nos lugares altos.

**Figura 13-** Enfeite do Arraial ano 2017.



**Fonte:** Grupo Cuíra (2017), Acervo: Grupo Cuíra.

A fonte E, a devota que doa o bolo do santo todo ano como pagamento de uma promessa, manda decorar o bolo conforme as cores que são escolhidas para o festejo, isso fica a cargo da boleira Rosa moradora de Abaetetuba, ela se encarrega de confeitar conforme as cores do festejo, o bolo geralmente é feito em andares, usa-se pequenas flores e uma pequena imagem do santo. Os detalhes da decoração da barraca e da igreja dependem do fiel que vai pagar, mas geralmente na igreja usam-se flores sintéticas e tecidos, sempre obedecendo às cores escolhida para o festejo. Na barraca usa-se o mesmo material da igreja, mas usam-se alguns materiais da região, como: peneira, matapi, tipiti, etc. Saraiva (2007,p.70) destaca muito bem a importância da estética usado nos festejos, tal como se assemelha as dos Festejos e religiosidade popular: o festejar em comunidades ribeirinhas de Porto Velho/RO.

O andor onde a imagem da Santa vai ser levada é preparado pelo grupo de mulheres, é ricamente ornamentado com fitas coloridas e flores; além é claro que o manto que cobre a imagem tem um tratamento todo especial, é confeccionado em veludo e adornado com fitas douradas e detalhes brilhantes. Não é apenas o andor que recebe uma decoração especial, a igreja e todo o espaço que será usado como percurso da procissão recebe limpeza e adornos que deixam a paisagem da comunidade com outro aspecto, um aspecto alegre, colorido.

A festa do santo é marcada ao longo do tempo, por narrativas de fiéis que fizeram promessas ao santo e foram atendidos, muitos desses fiéis relatam que tem uma dívida eterna com o santo, durante o festejo a comunidade recebe fiéis de vários lugares, para agradecer as graças alcançadas. Alguns devotos estão todo ano no festejo, não só para participar ou

agradecer, mas para ajudar nesse momento tão esperado pela comunidade que é a festa, essa ajuda vem de varias formas, entre elas trabalhando na comunidade.

Na comunidade já se tem muitos relatos de fiéis que tiveram suas promessas atendidas e hoje ajuda no que pode a comunidade, a fonte E de 63 anos é moradora da comunidade, há uns 15 a 20 anos teve um problema sério de saúde no útero e foi operada em Abaetetuba, mas a cirurgia deu errada e foi desenganada pelos médicos, mas a família não desistiu e resolveram mudar o tratamento para Belém, assim, a fonte E fez uma promessa ao Bom Jesus. Após dois anos na capital em tratamento, a fonte E recebeu o diagnostico de que estava curada, quando chegou à sua casa, comunicou a família de que fez a promessa ao santo, que se ela se curasse doaria um bolo todo ano em sua homenagem para o resto de sua vida, depois comunicou a coordenação da comunidade, e segundo ela a promessa vai ser cumprida até os últimos dias de sua vida, como nos afirma.

Fiz o tratamento e me peguei tanto com o Bom Jesus, ai eu sabia que ninguém não dava o bolo do santo, tinha o bolo da festa mas não era do santo, ai eu fiz uma promessa lá, se eu alcançasse minha saúde , primeiramente Deus e depois o Bom Jesus que eu dava o bolo do santo, assim que eu chegasse aqui e iniciasse a festa eu ia dar o bolo do santo, ia ser eu pra dar o bolo do santo até os fim de minha vida, ai quando cheguei aqui falei assim, é não tem o bolo do santo, tem bolo mas não é do santo, desse ano agora pra frente sou eu que vou dar o bolo do santo, como eu falei pras minhas filhas, o dia que eu morrer eu acho que vou passar pras minhas filhas, tive gente que já quis da o bolo do santo e eu não deixei porque uma promessa é uma promessa, eu fiz a promessa até os fim de minha vida e eu vou cumprir com essa promessa, foi assim que começou e eu estou dando e dou com maior prazer.(FONTE E, dezembro, 2018)<sup>19</sup>

E essa não foi à única promessa feita pela fonte E, há anos ,a mesma suspeitava que estivesse com H pylori<sup>20</sup>e sua neta precisou fazer uma cirurgia, então foi feita outra promessa ao Bom Jesus, se ambas recuperasse a saúde, o círio mirim de 2017 sairia da casa de sua filha Eliete e não foi diferente, ambas recuperaram sua saúde e em 2017 o círio mirim foi patrocinado pela família da fonte E.

Já tinha feito outras promessas todos os tratamentos faziam, fiz exame e suspeitei de gástrite, minha filha lizete fez uma promessa do círio mirim da filha que fez uma cirurgia, fiz uma promessa entre eu e a isabela pra sair o círio mirim da casa dela, foi uma promessa que recebemos e feita por nossa família, varias e varias promessas que tenho feito com o Bom Jesus e tenho alcançada, enquanto estiver viva não dou só o bolo do santo, dou as coleta das mães, dou do dia do círio da tabuas das mães, dou dia dos veteranos da tabuas das mães, dou as coisas pra ajudar na cozinha, meu filho dar um saco de farinha, o pórfiro dar os leilões, não é só uma coisa que nos damos, damos muita coisas.(FONTE E, dezembro, 2018)

---

<sup>19</sup> Entrevista concedida pela fonte E na comunidade Bom Jesus, no dia 04 de Dezembro de 2017.

<sup>20</sup> H pylori é uma bactéria que pode sobreviver no estômago e causar sintomas como inchaço na barriga e indigestão, sendo a principal causa de doenças como gastrite e úlcera.

O santo tem muitos milagres que são contados por seus fieis, mas tem também muitos fatos histórico que são muito conhecido na comunidade, são relatados por algumas pessoas mais antigas. Segundo elas, o Bom Jesus saía da sua igreja a noite e saía até o Agica, que nada mais é do que um pequeno furo que dizemos que é um braço do rio grande, nesse local ficava a casa a onde acontecia o festejo de santa Ana. Segundo alguns moradores, o Bom Jesus saía atrás da santa, quando eram de manhã as pessoas que cuidavam do santo, percebia que suas pernas estavam cheias de pancuãm, uma espécie de carrapato que dar no mato.

Segundo a fonte D<sup>21</sup>, a sua avó sempre contava essa história, que logo no começo da comunidade a igreja ainda era de madeira, a noite várias pessoas viam um homenzinho sair em um pequeno casco da comunidade, uma vez os pessoal tentaram seguir, mas perderam de rumo, sua avó era zeladora da comunidade e nessa época o manto do Bom Jesus era curto, ficava pela canela, então quando era de manhã ela percebia que da canela para baixo estava cheia de pancuãm. Esse fato ainda aconteceu por certo tempo, até a comunidade chamar o padre para fazer uma missa no agíca e depois levaram a santa Ana até a igreja do Bom Jesus, onde foi celebrada uma missa, segundo os moradores depois dessa missa, as pessoas perceberam que o santo não saiu mas.

Outro relato feito pela fonte B<sup>22</sup> que foi um dos fundadores da comunidade, era que no tempo que o Bom Jesus ainda pertencia ao *Pachola* que era seu dono ocorria às peregrinações, o santo saia para visitar os centros e ramais na cidade de Abaetetuba e segundo o mesmo, nessas peregrinações acontecia muitos fatos que marcavam as peregrinações, quando chegava Pachola sempre lhe contava alguns casos que acontecia com o santo nessas visitas. Certo dia, contou que estavam fazendo a peregrinação do santo nos ramais de Abaetetuba, visitaram as casas de vários fiéis em diferentes ramais, o santo era colocado em um carro de mão, como uma carroça, a onde vários homens empurravam o carro para fazer as visitas, mas quando chegou na entrada de um certo ramal, o carro pesou tanto que os homens não conseguiram empurrar, ainda tentaram mas não conseguiram, então decidiram voltar desse ramal, após dobrar o carro para sair do ramal o carro voltou a ficar leve novamente.

As pessoas que estavam naquele momento, se perguntava por que o santo não quis entrar naquele ramal, se eles corriam algum risco ou algo parecido, segundo testemunhas que andava com o Bom Jesus nessas peregrinações, o santo só entrava em locais que ele quisesse. A fonte B nos conta outro fato, ocorreu à peregrinação do santo no rio Xingu e nessa

---

<sup>21</sup> Fonte D tem 53 anos de idade, lavradora e zeladora da comunidade.

<sup>22</sup> Fonte B tem 96 anos de idade, aposentado, morador da comunidade desde sua juventude, durante muito tempo logo no começo do festejo era zelador da mala do santo, onde ficavam guardados alguns donativos.

localidade os moradores criavam muitos animais como porcos, galinha, pato, entre outros e no período que o Bom Jesus foi fazer a peregrinação nesse local, estava acontecendo uma epidemia de uma doença nos porcos, muitos desses animais já tinha morrido e muitos estavam mal.

O santo começou sua visita, até chegar à casa de uma devota, que estava com suas criações de porcos contaminada, alguns já tinham morrido e os poucos que lhe restavam estavam mal, quando o santo chegou nessa casa a dona dos porcos fez uma promessa ao Bom Jesus, que se ele salva-se pelo menos uma de suas criações, ela criava de meia com o santo e não foi diferente, vários porcos morreram e sobreviveu apenas uma porca, a dona cuidou e fez a sua reprodução, todo ano no dia do festejo do santo, a dona dos porcos vinha participar da festa e trazia dois ou mais porcos, para dar para as pessoas que estavam no festejo, como havia prometido ao santo, segundo Saraiva ( 2007, p.84) esses contratos com o santo padroeiro é muito presentes nas comunidades ribeirinhas.

No âmbito das comunidades ribeirinhas esses “contratos” são seguidos com disciplina e devoção. O acreditar e o festejar estão juntos dentro dos vários rituais que fazem parte do festejo. E a figura do santo padroeiro e das demais crenças do grupo ocupam papel de destaque no cotidiano dessas comunidades, uma vez que é muito difícil uma comunidade não possuir seu santo padroeiro. Uma vez isso ocorrendo, existirá um santo de devoção de algum morador para festejar e celebrar.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho investigou o festejo de Bom Jesus da Cana- Verde do rio Maracapucu-Miri, demonstrando a sua origem, o seu valor cultural, sua dimensão estética e ética valorizando a memória dos devotos, pois a comunidade não possui registro documental destes acontecimentos culturais. É importante ressaltar a dificuldade em registra-los levou-me a utilizar imagens (fotografias), bem como, os relatos de devotos, para que pudesse adentrar na história da comunidade e do santo.

Foram registrados muitas narrativas que não podemos confirmar com documentos ou fotografias, existem somente na memória dos devotos, em todo tempo sempre havia uma pessoa que em alguma fase de sua vida participou de algum momento da origem da comunidade ou no processo do festejo do santo. De forma investigativa, foi-se em busca de depoimentos, vestígios e fotografias que pudesse me ajudar a descobrir a origem do santo de devoção da comunidade, seus milagres, seus fatos históricos, a relação do santo com seus fieis e o festejo em homenagem ao santo que já acontece a mas de 100 anos.

O estudo foi iniciado ao serem analisadas as causas históricas que fizessem com que surgisse o festejo de Bom Jesus da Cana-Verde e quais as suas causas históricas, quais os efeitos e o que representam esse festejo para a vida das pessoas daquela comunidade, para maior conhecimento fui em busca de autores que me ajudasse a compreender melhor o sentido dos festejos dos santos. Analisou-se a festa como um momento de devoção ao santo, uma relação de troca entre os fieis e o santo, principalmente quando se envolve uma graça alcançada, o uso da estética no festejo e a relação pessoal dos devotos no período da festa no mundo ribeirinho.

A festa em homenagem a Bom Jesus da Cana-Verde surgiu há muito tempo com o oratório na casa do *Pachola* uma mistura de ato sagrado e profano e a partir desse contexto a devoção ao santo foi tomando dimensões maiores e se formou em comunidade. Atualmente, o festejo acontece com algumas mudanças que foram imposta ao longo dos anos, hoje acontece somente atos sagrados, surgiu o círio mirim, a estética é um ponto muito forte no festejo, apesar de toda essas mudanças a devoção ao santo se intensificou ainda mas, por moradores da comunidade local e comunidades vizinhas.

A festividade em homenagem ao santo é para além do momento festivo, é também um processo formativo de uma educação não formal, a questão ética e estética são muito forte durante esse período, a cooperação e a colaboração de todos em um único objetivo que é o festejo do santo de devoção, gera conhecimentos que são vivenciados somente naquele espaço, somente os fieis tem a sensibilidade em saber fazer cada detalhe da festa, e esses conhecimentos são passados de geração para geração. Muitas culturas, como o festejo de Bom Jesus da Cana-Verde são ricos em conhecimentos, mas não são abordados nos espaços escolares, mas através do conhecimento não formal vivido durante a festa, as pessoas independente da idade aprendem a conviver juntas e a desenvolver certas habilidades e certas sensibilidades que somente elas possui, essa relação está muito ligada ao formato da educação do campo que propõe dialogar com os conhecimentos das comunidades, valorizando suas culturas, seus territórios, fazendo sempre um feedback entre espaço escolar e comunidade, sem perder suas raízes e sua identidade.

O presente trabalho esteve-se longe de ter colhido todas as informações e relatos sobre a origem e o festejo de Bom Jesus da Cana-Verde. Acredita-se que ainda existem muitas histórias a serem contados, muitos relatos de fieis que não estão presente nesse trabalho, ainda não considero esse assunto como encerrado, já que ainda restam inúmeros depoimentos e abordagens sobre este tema.

## REFERÊNCIAS

COSTA JÚNIOR, Antônio Braga Da. **O Imaginario Religioso na Musicalidade dos Artistas de Abaetetuba (1930 a 1955)**, Belém, w&w Gráfica & Editora. 2008.

Documento da CNBB. Comunidades de comunidades: uma nova paróquia. Ed. Paulinas. Aparecida-SP, Abril, 2014.

FIGUEIRA, Cláudia Laurido . O Divino Espírito Santo: Vivência de uma religiosidade popular na festa do Sairé em Alter do Chão (PA) -1973, *Revista Estudos Amazônicos* , vol. 10, n.1, set-dez, 2014.

Figueiredo, Silvio Lima . Festas de Santo e Cultura: encontro da Europa Ibérica com a América na Amazônia. 2011, 04pg, Núcleo de Altos Estudos, Universidade Federal do Pará.

LUÍNDIA, Luiza Elayne Azevedo. Festas, festas de santo: rituais amazônicos, 2001, 14pg, INTERCOM– Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação – 2001,U.F.P.A.Campo Grande /MS.

GALVÃO. Eduardo. **Santos e Visagens: Um estudo da vida religiosa de Itá; Amazônia.** São Paulo: Ed. Nacional; São Paulo: INL,1955.

LIMA JÚNIOR, Bianor Francisco de. O sagrado e o profano na religiosidade popular: A festa do Bom Jesus dos Navegantes na cidade de Touros/RN. **Revista da FARN**, Natal, v. 10, n. 1/2, p. 169-191, jan./dez. 2011.

MESQUITA, Fabio de Azevedo . A veneração aos santos no catolicismo popular brasileiro: uma aproximação histórico-teológica. **Revista Eletrônica Espaço Teológico**, Canoas – RS, V. 9, n. 15, p. 155-174, jan/jun, 2015.

SANTOS, Viviane da Silva. **Santo de casa faz milagre:** desenho e representação dos oratórios populares domésticos em Feira de Santana, 2014, 126f. Tese (Doutorado)-curso de curso na Área de Concentração Desenho, Registro e Memória Visual, Linha de Pesquisa Desenho: Patrimônio Cultural, Representação e Memória, Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade, Universidade Estadual de Feira de Santana-UEFS, Feira de Santana – Bahia, 2014.

SARAIVA, Adriano Lopes. **Festejos e religiosidade popular:** o festejar em comunidades ribeirinhas de Porto velho/RO. 2007. 132f, tese ( Mestrado) -curso desenvolvimento regional e meio ambiente, Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente – PGDRA/UNIR, Universidade Federal de Rondônia-UNIR, Porto Velho, 2007.

SILVA, Marilene Alves da; SILVA, Leticia Alves da.(s/a). Religião e cultura no alto rio negro: uma análise da festa de santo na comunidade indígena de São Joaquim – Amazonas/Brasil, 20 pg, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IF-AM.

SILVA, Dedival Brandão da. **Os Tambores da Esperança: Um estudo sobre cultura, religião, simbolismo e ritual na Festa de São Benedito da cidade de Bragança**, Belém, Falangola Editora, 1997.

SOUZA, Ricardo Luiz de. **Festas, Procissões, Romarias, Milagres, aspectos do catolicismo popular, Natal**, Editora do IFRN, 2013.

RODRIGUES, Neuza. **O Artesão de Sonhos**. In Contistas da Amazônia: IX Concurso de contos da região Norte. Belém: Editora Universitária, 2002.

TAVARES, Thiago Rodrigues. A religião vivida: expressões populares de religiosidade, **Sacrilegens**, revista dos alunos do programa de pós-graduação em ciência da religião, Juiz de Fora, vol.10, n.2,p. 35-47, jul-dez, 2013.

**FONTES ORAIS? CITA-LAS POR ORDEM ALFABEPTICA CONFORME CITADA NO TEXTO.**